

Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa

LINGUÍSTICA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS

Disciplina de Pós-graduação

Apontamentos

Tema III

O Conceito de língua portuguesa
em textos fundamentais do século XIX:
O método histórico-comparado e as grandes genealogias

Maria Clara Paixão de Sousa

2014

Sumário

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|
| III. O Conceito de língua portuguesa em textos fundamentais do século XIX: O método histórico-comparado e as grandes genealogias..... | 4 |
| 1. O Método Histórico-comparado..... | 5 |
| 1.1 Franz Bopp e os fundamentos do método | |
| 1.1.1 Resumo | |
| (i) Capítulo 1: “Of the roots” | |
| (ii) Capítulo 2: “Of the verbs” | |
| 1.1.2 Sobre Bopp | |
| 1.2 Alguns debates contemporâneos e desenvolvimentos imediatos | |
| 1.2.1 A comparação fonética | |
| 1.2.2 Genealogias | |
| 1.2 O Método Histórico-comparado e as “Línguas Românicas” | |
| 1.2.1 Diez e a fundação da romanística | |
| 1.2.2 O “Latim Vulgar” como “Proto-romance” | |
| 1.2.2.1 A “reconstrução” | |
| 1.2.2.3 Resumo das características do “Latim Vulgar” | |
| 1.3 O Português no panorama românico | |

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2. Algumas questões trazidas pelas grandes genealogias: a “ <i>vida das línguas</i> ”..... | 22 |
| 2.1 “A vida das línguas” | |
| 2.1.1 August Schleicher | |
| 2.1.2 W.D. Whitney | |
| 2.1.3 Leite de Vasconcelos | |
| 2.2 De “Línguas mistas” | |
| 2.3 Voltando à língua portuguesa | |
| 2.3.1 A. Coelho | |
| 2.3.2 H. Schuchardt | |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 3. Algumas questões trazidas pelas grandes genealogias: o “ <i>contato</i> ” | 33 |
| 3.1 Mudança interna e mudança por contato | |

3.1.1 As *Considerações* de Adolfo Coelho

3.1.2 Abordagens contemporâneas do "contato" (i)

3.1.2.1 S.G. Thomason & T. Kaufman, "*Language Contact and Genetic Linguistics*", 1988

3.1.2.2 Abordagens gerativistas (D.Lightfoot, A.Kroch)

- David Lightfoot, "*The Development of language*", 1999.

- Anthony Kroch, "*Syntactic Change*", 2001

3.2 A língua portuguesa, 1400-1800

3.4 Voltando ao século XIX: De árvores e de ondas

III. O Conceito de língua portuguesa em textos fundamentais do século XIX: O método histórico-comparado e as grandes genealogias

Die gesetze zu ermitteln, nach welchen sich die sprachen im verlaufe ihres lebens verändern, ist eine der hauptgaben der glottik, denn ohne kenntnis der selben ist kein verstandnis der formen der vor liegenden sprachen, besonders der jetzt noch lebenden, möglich. A Schleicher, Comp. der vergleichenden grammatik der indogerm. sprachen, 2.^{te} ausg. s. 4.

“Penetrar as regras segundo as quais as línguas se transformam no decorrer de suas vidas é uma das tarefas capitais da glotologia. Sem esse conhecimento, nenhuma compreensão das formas de qualquer língua – notavelmente das línguas ainda vivas – é possível”.

Gramática comparada das línguas indo-européias,
August Schleicher, 1861.

Epígrafe de
A Língua Portuguesa,
Leite de Vasconcelos, 1888.

1. O Método Histórico-comparado

1.1 Franz Bopp e os fundamentos do método

1786: JONES, sir William. "*On the hindus*".

1808: SCHLEGEL, Friedrich. "*Über die Sprache und Weisheit der Indier*".

Texto em exame:

1816: BOPP, Franz. "*Analytical Comparison of the Sanskrit, Greek, Latin, and Teutonic Languages*".

"It is now very generally admitted, that there exists a similarity between the Sanskrit and several of the languages which by conquest or other causes have obtained the most extensive adoption over both ancient and modern Europe. No person, however, not practically acquainted with the language of the Brahmans, could be aware that there exists a coincidence so exact and so universal throughout all portions of grammar as it is really the case. Many resemblances are evident at first sight, others are discovered by more careful investigation, and the more closely we analyse the recondite structure of the kindred tongues, the more we are surprised to find them constantly developed by the same principle". (Bopp 1816:1)

"I do not believe that the Greek, Latin, and other European languages are to be considered as derived from the Sanskrit in the state in which we find it in Indian books; I feel rather inclined to consider them altogether as subsequent variations of one original tongue, which, however, the Sanskrit has preserved more perfect than its kindred dialects. But whilst therefore the language of the Brahmans more frequently enables us to conjecture the primitive form of the Greek and Latin languages than what we discover in the oldest authors and monuments, the the latter on their side also may not unfrequently elucidate the Sanskrit grammar. That is to say, whilst the Sanskrit has preserved many grammatical forms, which can be supposed to have formerly existed in Greek, Latin, Ghotic, etc., there are instances where the reverse is the case, where grammatical forms, lost in the Sanskrit, have been preserved in Greek or Latin. To explain this fact it will be necessary to offer a few remarks, which shall be more fully investigated in their proper place". (Bopp 1816:15)

1.1.1 Resumo

(i) Capítulo 1: “Of the roots”

| Sânscrito | Grego | Latim | |
|--------------------------|------------|------------|---------------|
| i- imas 3PS | i- imeu | i- imus | ‘ir’ |
| da- | | da- | ‘dar’ |
| st’a- | | sta- | ‘estar em pé’ |
| b’a | fa- | | ‘brilhar’ |
| ad- | ed- | ed- | ‘comer’ |
| dis- dek-s’yami 1PS-F | deik | | ‘mastigar’ |

1. A argumentação central deste capítulo é: As raízes do sânscrito são monossílabos, e as modificações gramaticais são adições às raízes (e não modificações internas à raiz). A noção de “Flexão”, assim, deve incluir essa possibilidade de formação de palavras por adição de materiais.

2. Esta argumentação é uma resposta a Schlegel, que em 1808, em *Über die Sprache und Weisheit der Indier*, havia discutido a propriedade gramatical da flexão como uma característica fundamental para distinguir as línguas humanas, e que as separava entre línguas flexionais (mais ricas/elaboradas, e mais originais no sentido de antiguidade); e línguas analíticas (empobrecidas, e posteriores). Neste capítulo Bopp defende que a divisão não é tão precisa como Schlegel colocava. Ao longo do livro, as conseqüências disso para a gramática comparada das três línguas será explicada.

(ii) Capítulo 2: “Of the verbs”

- Relação entre o conceito de Verbo e de Sujeito de Bopp e sua descrição da “flexão”

“Verbo” é a parte do discurso que conecta sujeito e predicado; em termos estritos, há apenas um “verbo”, o verbo abstrato SER. Os outros “verbos” são atualizações dessa conjunção abstrata entre SER, a idéia ou atributo a ser expresso, e o sujeito. Assim,

“The latin verb, dat, expresses the proposition he gives or he is giving; the letter t, indicating the third person, is the subject, da expresses the attribute of giving, and the grammatical copula is understood. In the verb potest, the latter is expressed, and potest unites in itself the three essential parts of speech, t being the subject, es the copula, and pot the attribute”

Ou seja:

potest > {pot}-atributivo, ‘poder’ + {es}-cópula + {t}-sujeito
dat > {da}-atributivo, ‘dar’ + {t}-sujeito

“After these observations the reader will not be surprised, if in the languages, which we are now comparing, he should meet with other verbs, constructed in the same way as potest, or if he should discover that some tenses contain the substantive verb, whilst others have rejected it, or perhaps never used it. He will rather feel inclined to ask, why do not all verbs in all tenses exhibit this compound structure? and the absence of the compound verb he will consider as a kind of ellipsis”.

[Sânscrito: e, o, a > a]

| Sânscrito | Latim | proto IE | glosa |
|-----------|-------|----------|-----------------|
| ad- | ed- | ed- | <i>comer</i> |
| danta | dent- | dent- | <i>dente</i> |
| avi- | ovi- | owi- | <i>ovelha</i> |
| dva- | duo- | dwo- | <i>dois</i> |
| ajra- | ager- | agro- | <i>campo</i> |
| apa | ab | apo- | <i>de (dir)</i> |

(iii) As conjugações

Pessoas do verbo

1ª pessoa singular: M

2ª pessoa singular: S

3ª pessoa singular: T

1ª pessoa plural: M

2ª pessoa plural: T

3ª pessoa plural: T

1ª pessoa dual: V

2ª pessoa dual: T

3ª pessoa dual: T

Presente

“The present tense, which expresses the real conjunction of a subject with its attribute, without any restriction, is formed in Sanskrit by the mere addition to the root {as} of the characteristics of the person.”

| <i>presente</i> | | <i>San.</i> | <i>Lat.</i> |
|-----------------|----------|-------------|------------------|
| | | as, | ‘ser’ |
| 1ª PS | <i>M</i> | as mi | sum (< esum) |
| 2ª PS | <i>S</i> | a sti | es |
| 3ª PS | <i>T</i> | as ti | est |
| 1ª PP | <i>M</i> | s mas | sumus (< esumus) |
| 2ª PP | <i>T</i> | s t’a | estis |
| 3ª PP | <i>T</i> | sa nti | sunt |
| 1ª dual | <i>V</i> | s vas | |
| 2ª dual | <i>T</i> | s t’as | (estis) |
| 3ª dual | <i>T</i> | s tas | |

| <i>presente</i> | | <i>San.</i> | <i>Lat.</i> |
|-----------------|----------|-------------|-----------------|
| | | pa, | ‘reinar’ |
| | | da-, | ‘dar’ |
| 1ª PS | <i>M</i> | pa mi | do |
| 2ª PS | <i>S</i> | pa si | da s |
| 3ª PS | <i>T</i> | pa ti | da t |
| 1ª PP | <i>M</i> | pa mas | da mus |
| 2ª PP | <i>T</i> | pa t’a | da tis |
| 3ª PP | <i>T</i> | pa nti | da nt |

Os “irrealis”

Formação dos irrealis: -i- (< i, ‘desejar’)

- “condicional, subjuntivo” – *potential*
- Futuro (raiz + syami, syasi,...: Da-syami, ‘darei’)

| “ <i>subjuntivo</i> ” | | <i>San.</i> | <i>Lat.</i> |
|-----------------------|----------|------------------|-------------|
| | | as, ‘ser’ | |
| 1ª PS | <i>M</i> | sya m | sie m |
| 2ª PS | <i>S</i> | sya s | sie s |
| 3ª PS | <i>T</i> | sya t | sie t |
| 1ª PP | <i>M</i> | sya ma | sie mus |
| 2ª PP | <i>T</i> | sya ta | sie tis |
| 3ª PP | <i>T</i> | syus | sie nt |

| “ <i>futuro</i> ” | | <i>San.</i> |
|-------------------|----------|------------------|
| | | as, ‘ser’ |
| 1ª PS | <i>M</i> | -sya mi |
| 2ª PS | <i>S</i> | -sya si |
| 3ª PS | <i>T</i> | -sya ti |
| 1ª PP | <i>M</i> | -sya mas |
| 2ª PP | <i>T</i> | -sya t’a |
| 3ª PP | <i>T</i> | -sya nti |

Os pretéritos

Formação do pretérito: a + raiz (a < a = prefixo primitivo de negação):

a-dina ‘feliz’ / “não triste”
a-nindita ‘caro, querido’ / “não desprezado”
a-bala ‘fraco’ / “sem força”

| <i>pret. indic.</i> | | <i>San.</i> | <i>Lat.</i> |
|---------------------|----------|------------------|--------------|
| | | as, ‘ser’ | ‘ser’ |
| 1ª PS | <i>M</i> | a-sa m | eram (<esam) |
| 2ª PS | <i>S</i> | a-si s | eras |
| 3ª PS | <i>T</i> | a-si t | erat |
| 1ª PP | <i>M</i> | a-s ma | eramus |
| 2ª PP | <i>T</i> | a-s ta | eratis |
| 3ª PP | <i>T</i> | a-as n | erant |

Observação sobre os pronomes e a sintaxe das línguas modernas

likewise genius of modern languages to express, by separate words, what in ancient languages was united into one body. In Sanskrit, Greek, and Latin, &c. the pronouns, for instance, are suffixed to the verb, but in English, German, French, &c. they are placed separately before, and where the pronouns, formerly united with the verb, have left some remaining traces, they have now lost their signification, and therefore a repetition of the signs of the persons is become necessary. In the French, ‘nous aimâmes’ the first person is expressed twice, and so is the third person in the German er liebt, he loves. The third person singular is generally indicated by a t in German verbs, in conformity with the Sanskrit, Latin, and Gothic, but notwithstanding this t, originally a pronoun of the third person, the pronoun er is always placed before the verb.

(p. 30)

1.1.2 Sobre Bopp

(1) W.P. Lehmann – A Reader in Nineteenth Century Historical Indo-European Linguistics

It may be unfair to Bopp to give a selection from his initial work. But his chief importance is in clarifying the morphology of Indo-European, and even his final presentation has long been superseded. Accordingly the views which he first presented are those of greatest interest to us. Moreover, his analysis of the conjugational system of the Sanskrit language is by no means a negligible result of four years of independent work, carried on with little guidance from predecessors.

...

According to Windischmann, ix-x, Bopp "had resolved to treat the investigation of language as a historic and philosophic study and not to be content with understanding what was written in any given language. We may rejoice at these efforts and intentions, which from a purely human point of view deserve to be named before many others, for through intimate association with the significant signs, by which the word, this child of the spirit, expresses the deepest emotions and feelings, as it does the clearest and most definite thoughts, indescribably much of the hindrances to true self-knowledge and self-culture are dispelled." Moreover, in study of languages, such as Gothic, and their structure, there was hope, according to Windischmann, for additional means to illuminate the history of the Indic and Germanic peoples and the differing cultures of each. Such considerations led Bopp to master ever more of the Indo-European languages-Sanskrit, Avestan, Greek, Latin, Lithuanian and Gothic for the first volumes of his *Comparative Grammar* of 1833 -- then Slavic, Celtic and Albanian for remaining volumes, and the second edition of 1857-61.

...

One shortcoming was the almost exclusive attention to morphology.

...

Another shortcoming is Bopp's attempt to discern the origin of inflection in separate words, particularly the verb "to be". In its crass form, this is completely superseded. Yet many publications still emerge which seek the origin of inflections, like the Germanic weak preterite, in simple verbs such as *do*, even though highly conservative and careful linguists, e.g. H. Collitz, *Das Schwache Präteritum*, Baltimore, 1912, have cited almost overwhelming evidence against such views. The early notions on the development of language, from noninflected through agglutinative to inflected, have not been discarded even today, though we probably would find little receptivity for the view that certain inflections developed because of an inherent meaning of the symbol, such as *s* for the second person.

Franz Bopp is often credited with providing "the real beginning of what we call comparative linguistics" (Pedersen, *Linguistic Science*, p. 257). In keeping with this achievement his external career was distinguished. His publication resulting from four years of study in Paris, 1812-1816, led to general recognition. After visiting London and publishing there, he became professor of Sanskrit and comparative grammar in Berlin in 1821. Teaching and publication made up the rest of his life; his publications are on the whole admirable, except for a suggestion that the Malayo-Polynesian languages are related to the Indo-European. Apart from this lapse, editions, monographs and successive editions of his grammar, with translations into English and French, made him the dominant figure in Indo-European comparative grammar throughout the first half of the nineteenth century.

1.2 Alguns debates contemporâneos e desenvolvimentos imediatos

1.2.1 A comparação fonética

1819: GRIMM, Jacob. "*Germanic Grammar*".

A "Lei de Grim"

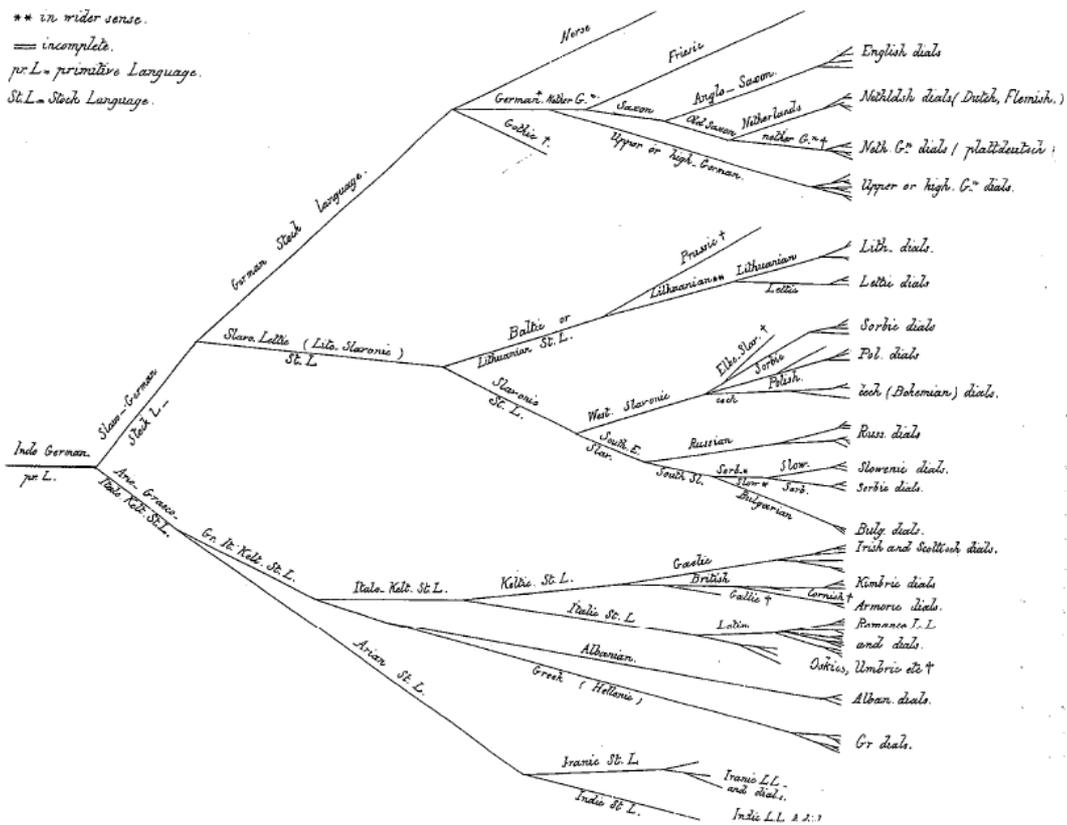
| | | | | | | |
|-----------|-----------|-----------|-------------|----------|----------|----------|
| p | t | k | > | f | θ | h |
| b | d | g | > | p | t | k |
| bh | dh | gh | > | d | d | g |

Exemplos [cf. Campbell 2000:47]:

| | <i>espanhol</i> | <i>francês</i> | <i>inglês</i> |
|--------|-----------------|----------------|----------------|
| *p > f | padre | père | father |
| | por | per | for |
| | pie | pied (<pié) | foot |
| *t > θ | tres | trois | three |
| | tu | tu | thou |
| *k > h | can | chien (< kani) | hound |
| | ciento | cien (< kent) | hundred |
| | corazón | coeur | heart |
| *d > t | dos | deux | two |
| | diente | dent | tooth |
| *g > k | - | genou | knee |
| | grano | grain | corn |

| | <i>Sânscrito</i> | <i>Latim</i> | <i>Inglês</i> |
|----------------|------------------|--------------|-----------------|
| *bh > b | bhrátar | frater | brother |
| (Lat: *bh > f) | bhára- | fer- | bear |
| *dh > d | dha- | facere | do, deed |
| (Lat *dh > f) | | | |
| *gh > g | hamsa (<gh) | (h)anser | goose |

1.2.2 Genalogias



We assume therefore that languages arose in a very great number; such as were neighbours resembling each other, although arising independently, and—taking Indo-Germanic or Semitic, say, as the centre—spreading more or less in this or the other direction. Many of these primitive languages now, or perhaps the greater part of them, died out in the course of ages; owing to this others gradually extended their territory, and the geographical distribution of languages was so much disturbed that it became im-

possible to discover hardly any traces of the primitive law of distribution.

Whilst therefore the surviving idioms, with the increase of the people that spoke them, gradually divided themselves into several branches (languages, dialects, &c.), many of the primitive languages which had arisen independently of each other, gradually died out. This very process—the decrease of the number of languages—is going on speedily and incessantly, even in our days, for instance in America. Here, likewise, let us be satisfied with the observation of the fact and leave it to philosophy to search for a clearer conception and explanation from the essence of mankind.

1863: SCHLEICHER, August (1821-1868). *The Darwinian Theory and the Science of Language*

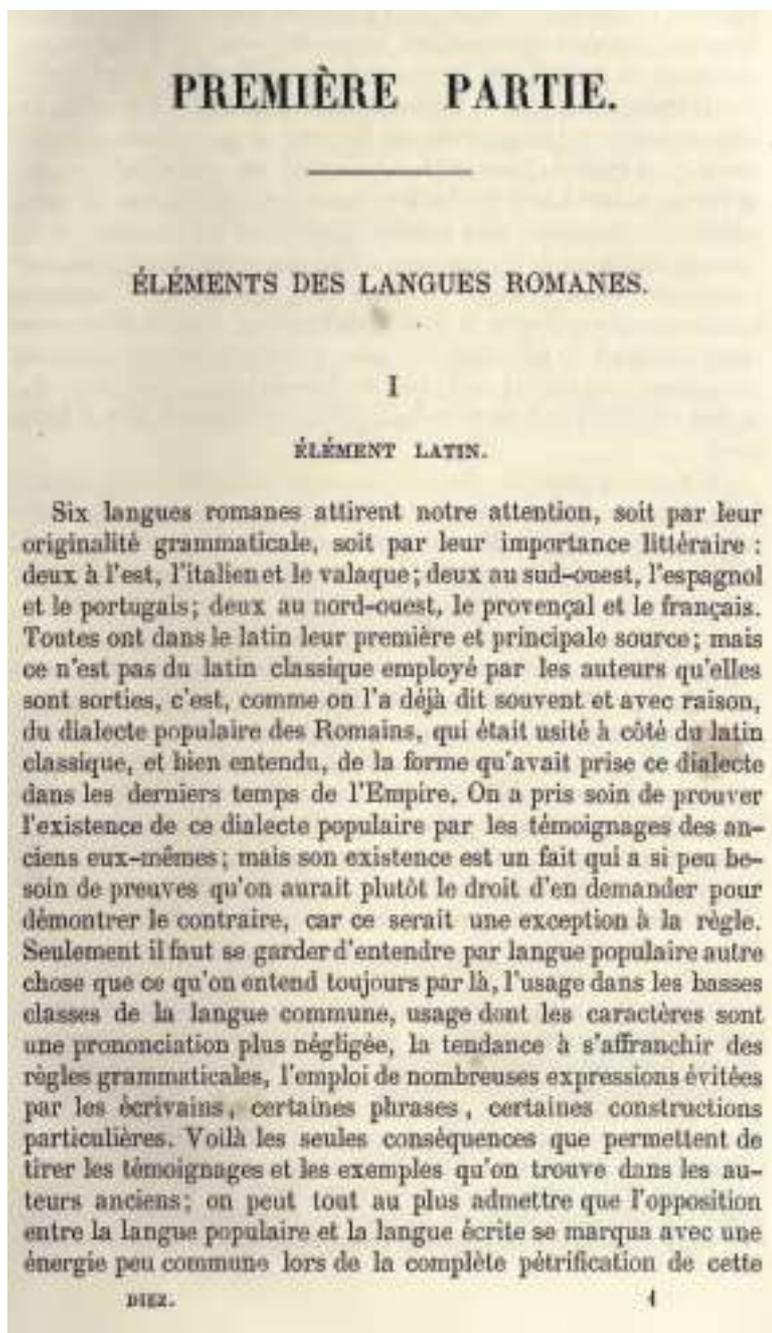
1865: SCHLEICHER, August (1821-1868). *On the Significance of Language to the Natural History of Man.*

1.2 O Método Histórico-comparado e as “Línguas Românicas”

1.2.1 Diez e a fundação da romanística

1836: DIEZ, Friedrich (1794-1876). “*Grammatik der romanischen Sprachen*”. (*)

(Introdução, p.1-4; tradução francesa de Gaston Paris, 1874)



dernière, peu de temps avant la chute de l'empire d'Occident. Une fois l'existence d'une langue populaire admise comme un fait démontré par des raisons d'une valeur universelle, il faut en reconnaître un second non moins inattaquable, c'est la naissance des langues romanes de cette langue populaire. En effet, la langue écrite, qui s'appuyait sur le passé et qui n'était cultivée que par les hautes classes et les écrivains, ne se prêtait pas par sa nature même à une production nouvelle, tandis que l'idiome populaire, beaucoup plus souple, portait en lui le germe et la susceptibilité d'un développement exigé par le temps et les besoins nouveaux. Aussi, quand l'invasion germanique eut détruit avec les hautes classes toute la vieille civilisation, le latin aristocratique s'éteignit de lui-même; le latin populaire, surtout dans les provinces, poursuivit son cours d'autant plus rapidement, et finit par différer à un très-haut point de la source dont il était sorti¹.

On a pris la peine de recueillir les vestiges de la langue populaire comme preuves à l'appui de l'origine du roman, et de feuilleter à cette fin les écrits des auteurs classiques. Ce travail n'est pas inutile, à condition de ne pas s'éloigner du vrai point de vue: car il ne peut être indifférent de savoir si l'existence de formes, de mots ou de significations romanes, est démontrée seulement depuis l'invasion germanique, comme l'ont soutenu plusieurs écrivains, ou bien avant ce grand événement; en d'autres termes, si l'on doit les considérer comme le résultat d'un fait externe, ou d'un développement interne et normal. Quelques expressions populaires se trouvent déjà dans les écrivains romains archaïques, comme Ennius et Plaute; parmi ceux de la bonne époque, le plus riche est Vitruve; mais ce n'est que dans les derniers siècles de l'empire, quand disparut l'esprit exclusivement patricien de l'école classique, que commencèrent à s'introduire dans la langue littéraire de nombreux idiotismes dont le nombre ne fit plus dès

1. L'origine des langues romanes a été déjà dans les siècles précédents l'objet de beaucoup de recherches, parfois savantes et ingénieuses, mais souvent aussi ennuyeuses et stériles. Ce n'est pas ici le lieu de m'étendre encore une fois sur cette matière. Je suis même contraint dans ce livre, dont le sujet est proprement l'étude des lettres, des formes et des constructions, de laisser de côté tout ce qu'ont dit là-dessus de vrai et d'instructif, depuis Raynouard qui fait époque: en France, Ampère, Faurel, du Méril, Chevallet; en Allemagne Blanc, Fuchs, Dellus, Ebert (*Jahrb.* VI, 319), Schuchardt; en Angleterre, Lewis; en Italie, Perticari, Galvani; en Espagne, Pidal, Amador de los Rios; et d'autres philologues encore.

lors que s'accroître rapidement. L'égalité civique accordée aux sujets romains eut en ce point de grandes conséquences; ils méconnurent la suprématie littéraire du Latium comme sa suprématie politique, et ne craignirent plus d'étaler leur provincialisme¹. Isidore de Séville dit fort bien (*Orig.*, II, 31) : « *Unaqueque gens facta Romanorum cum suis opibus vitia quoque et verborum et morum Romam transmisit.* » Pendant que les écrivains de la décadence ouvraient les portes de la littérature à l'expression vulgaire, les grammairiens en faisaient le sujet de leurs leçons, en l'envisageant surtout au point de vue pratique et pour en purifier la langue. Ainsi Aulu-Gelle, dans le dernier chapitre de ses *Nuits attiques*, nous a conservé le nom d'un livre de Titus Lavinus, *De verbis sordidis*, dont la perte est regrettable à plus d'un titre². Une très-riche collection de mots obscurs, vieillis et populaires, est cependant venue jusqu'à nous, c'est le livre de Festus, *De significatione verborum*, qui a pour base celui de Verrius Flaccus. Bien que nous n'en possédions la majeure partie que dans un extrait dû à un contemporain de Charlemagne, Paul Diacre, et corrompu en plusieurs lieux, ce livre n'en est pas moins une mine féconde pour la lexicologie latine et aussi pour celle des langues romanes. Parmi les autres grammairiens il faut citer Nonius Marcellus pour son ouvrage *De compendiosa doctrina*, et Fabius Planciades Fulgentius, auteur d'une *Expositio sermonum antiquorum*. Nous n'avons conservé aucun monument proprement dit de l'idiome vulgaire, tel qu'on peut croire qu'étaient les Mimes et les Atellanes; on peut regarder comme quelque chose d'approchant les discours que met Pétrone dans la bouche de gens du commun³. D'ailleurs, tout en favorisant l'expression populaire, la littérature de la décadence se conservait encore pure des

1. Voyez là-dessus spécialement Bernhardt, *Geschichte der römischen Literatur* 2^e éd., p. 290 et suiv., 295 et suiv. Auguste Fuchs, dans son consciencieux ouvrage : *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, donne une *Esquisse de l'histoire de la langue populaire latine*, p. 35-50. Dans son *Vokalismus des Vulgärlateins* (I, 40), Schuchardt discute la valeur des différents travaux consacrés à l'étude de l'ancien dialecte populaire romain.

2. *Sordidus* veut dire ici commun, populaire; cf. *Noct. att.* I, IX, c. 13.

3. Sur l'époque de Pétrone, voyez le *Museum für Philologie*, nouvelle suite, t. II, p. 30 et suiv. L'auteur range au nombre des expressions populaires *lacte* (pour *lact*), *striga* (pour *strix*), *sanguen*, *nutricare*, *molestare*, *nesupius*, *Jovis* (pour *Jupiter*), *pauperorum*, *adjutare alicui*, *persuadere alicuiquem*, *malodiceret alicuiquem*.

flexions mutilées ou contraires à la grammaire : c'est dans les inscriptions qu'il faut les chercher, surtout dans les inscriptions des derniers temps de l'Empire, dont l'étude toute récente a déjà porté des fruits si abondants.

Une grammaire historique des langues romanes se priverait d'une partie importante de ses bases si elle ne voulait avoir aucun égard aux idiotismes populaires du latin, puisqu'on les retrouve pour la plupart en roman et faisant partie de la langue générale. Aussi, tandis que les différences de forme qui séparent le latin commun du latin classique seront traitées à leur lieu dans la suite de cet ouvrage, un choix de mots et de significations qui peuvent être admis comme populaires, choix emprunté aux lexiques latins, trouve naturellement sa place ici. Ils ne sont pas cités pour prouver ce fait, certain par lui-même, que le roman doit son existence au latin populaire, mais pour rendre ce fait sensible. Cette liste comprend deux classes d'expressions : celles que les anciens nous désignent expressément comme basses ou inusitées (*vocabula rustica, vulgaria, sordida, etc.*), et celles que, même sans témoignage, on peut regarder comme telles. Les dernières se composent partie de mots très-rarement employés à diverses époques, qui expriment des choses d'usage quotidien et se rencontrent surtout dans des auteurs peu soucieux de l'élégance du style; partie de mots qui apparaissent aux derniers siècles, quand l'art de la parole est en pleine décadence. Beaucoup de ces mots ont déjà été étudiés dans le *Dictionnaire étymologique*¹.

Abbreviare (Végèce, *De re militari*): it. *abbreviare*, etc.

« *Abemito* significat *demito* vel *auferto* » (Festus p. 4, éd. Müller). Le fr. *aveindre*, d'où le pr. mod. *avèdre*, suppose, quand on compare *geindre* de *gemere*, *preindre* de *premere*, un lat. *abemere*. Les autres langues romanes n'ont ni *abemere*, ni *adimere*, d'où *aveindre* pourrait aussi venir.

Acredo (Palladius) : it. *acredine*.

Acror, formé d'après *amaror* (Fulgentius) : v.-esp. cat. pr. *agror*, fr. *aigreur*.

Acucula, pour *acicula*, dans certains mss. du Code Théodo-

1. Cf. la dissertation de Galvani: *Della utilità, che si può ricavare del latino arcaico e popolare per l'istoria degli adierci volgari d'Italia* dans l'*Archivio stor. ital.* XIV, 340, sqq. (1849).

| | | |
|------------------|-------|-------|
| | esp. | hacér |
| lat.clas. cápere | port. | cabér |
| | esp. | cabér |

- Conclusão:

Entre [sápere]/[fácere] (latim clássico) e [sabér],[sabér]/ [fazér], [hacér] (port., esp.) haveria as formas intermediárias *[sapére], *[facére]:

| | | | | |
|-----------|--------|----------|-------|-------|
| | sápere | * sapére | port. | sabér |
| lat.clas. | fácere | * facére | | fazér |
| | cápere | * capére | | cabér |
| | | | esp. | sabér |
| | | | | hacér |
| | | | | cabér |

As formas "intermediárias" correspondem ao estágio lingüístico vigente entre o latim clássico e as línguas "neo-latinas".

A documentação destas "formas originárias" é possível em raros casos; entretanto, neste método, a prova documental é acidental, ou acessória. Exemplo de documentação acidental do latim vulgar:

Documentação do uso de *veclus:

No Appendix Probi (glossário latino do séc. III ou IV), veclus é listada entre as formas a serem evitadas:

| | | | | |
|-----------|----------------|---------|-------|----------------|
| lat.clas. | veculus | *veclus | port. | velho |
| | | | esp. | viejo |
| | | | fr. | vieil |
| | | | it. | vecchio |
| | | | rom. | vechi |

1.2.2.3 Resumo das características do “Latim Vulgar”

▪ Simplificações Fonéticas

(\grafias\ versus [pronúncias]):

- \ae\, \oe\, \au\ > [é], [e], [ó]
- \kaekilus\, \praetor\, \Claudius\ > [kékilus], [pretor], [clódio]
- \h\ > [-]

▪ Simplificações Estruturais

- declinações
- numerais
- leque de demonstrativos e indefinidos
- negações

▪ Expressão analítica das relações sintáticas

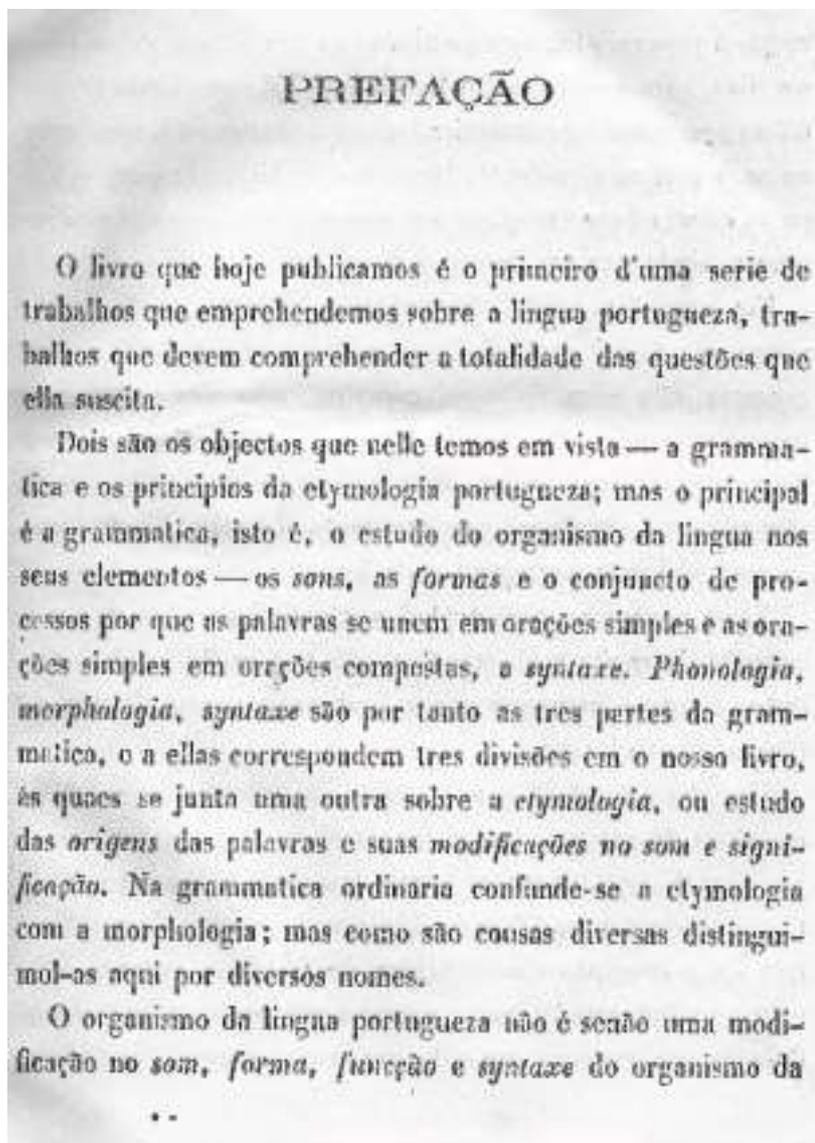
- preposições preferidas a terminações causais
- perífrases com auxiliar, para expressão de tempo e modo
- passiva analítica
- superlativos e comparativos analíticos

▪ Disseminação de formas concretas

▪ Pouca resistência a “termos exóticos”

1.3 O Português no panorama românico

1868: COELHO, F. Adolfo, (1847-1919). “*A lingua portugueza : phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*”. (Prefação - pp.iii-iv)



língua latina: por tanto o seu estudo bem comprehendido não consiste no fundo em mais do que saber como e em que se operou essa modificação. Mas, é mister observá-lo, essa modificação não se realisou unicamente antes de o portuguez começar a ser escripto: tem continuado a realisar-se até os nossos dias, com quanto muito lentamente. Ha por tanto não só differenças entre a grammatica latina e a portugueza, mas ainda entre a grammatica de D. Diniz e a de Garrett: para que o nosso estudo fosse completo era necessario indicar essas differenças, ainda que em geral pequenas.

Um appendix á obra tractará dos dialectos portuguezes, porque ha verdadeiros dialectos portuguezes; o gallego, por exemplo, não é um dialecto hespanhol, mas sim um dialecto portuguez, mais proximo do fallar de D. Diniz que a nossa linguagem de hoje, assim como o dialecto de Ceylão, que é não como se imaginou uma corrupção da nossa lingua, mas no essencial bom portuguez archaico.

Nesse appendix, que é trabalho inteiramente novo, teremos occasião de applicar observações que se têm feito sobre dialectos d'outras linguas, e que os fazem olhar como de sua natureza conservadores.

Uma *historia da lingua portugueza*, um *diccionario etymológico da mesma*, um *glossario do portuguez archaico e provincial* completarão as nossas investigações no campo da lingua que primeiro fallámos. Um grande numero de questões, que neste livro não são discutidas, ou se acham sómente indicadas, serão tractadas com a consideração que merecem nessas differentes obras para que colhemos inessantemente materiaes.

(p. viii):

O juizo que pronunciamos ácerca da philologia portugueza, com quanto pareça demasiado severo, não é em verdade senão muito exacto. Os livros sobre a nossa lingua ou em que d'ella se falla, que mais recentemente se têm escripto entre nós, fazem-nos pensar que ha erro na data de sua impressão: dir-se-ia que nelles se deve ler 17... em vez de 18...

2. Algumas questões trazidas pelas grandes genealogias: a “*vida das línguas*”

Exame de textos

1863: SCHLEICHER, A. "The Darwinian Theory and the Science of Language".

1865: SCHLEICHER, A. "On the Significance of Language to the Natural History of Man".

1875: WHITNEY, W. Dwight. "The life and growth of language: an outline of linguistic science"

1881: COELHO, F. A. “Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América”.

1882: SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. "Kreolische Studien: I".

1886: VASCONCELOS, J. Leite de. "Evolução da Linguagem".

2.1 "A vida das línguas"

2.1.1 August Schleicher

1863: SCHLEICHER, A. (1821-1868). *The Darwinian Theory and the Science of Language*.

1865: SCHLEICHER, A. (1821-1868). *On the Significance of Language to the Natural History of Man*.

“Languages are organisms of nature”.

August Schleicher, 1863

(*excerto de Paixão de Sousa, 2010 - seção 2*)

A centralidade da morfologia nas propostas de tipologia linguística do século XIX remonta a Humboldt, de quem o século herdou a noção geral da divisão das línguas humanas em “sintéticas” e “analíticas”; a tese, entretanto, viria a se tornar especialmente cara à tendência teórica que se tornaria conhecida como “naturalismo evolucionista”, a partir das idéias de August Schleicher (1821-1868). Iremos destacar aqui dois pontos importantes das propostas de Schleicher: a concepção da língua como organismo natural, e a concepção da evolução natural das línguas, ambos intrinsecamente ligados à questão da tipologia centrada na morfologia de flexão. Esses dois pontos fundamentais do naturalismo terminaram se tornando lugares-comuns das críticas e recapitulações sobre a linguística oitocentista, de tal modo que vale a pena revisitá-los com olhar renovado.

A começar pela idéia da “*língua como organismo*”, notemos que famosa frase de Schleicher, “*Languages are organisms of nature*”, aparece em um ensaio de 1863, no seguinte contexto:

“Languages are organisms of nature; they have never been directed by the will of man; they rose, and developed themselves according to definite laws; they grew old, and died out. They, too, are subject to that series of phenomena which we embrace under the name of ‘life.’” [20-21]

Neste trabalho de 1863, intitulado “*The Darwinian Theory and the Science of Language*”, Schleicher propõe um diálogo com os desenvolvimentos contemporâneos das ciências naturais sobre a teoria da evolução, buscando mostrar os pontos em comum entre a linguagem e as outras formas da natureza sujeitas à ação do tempo e do desenvolvimento evolutivo. Este ensaio tem sofrido as interpretações mais diversas ao longo dos últimos cento e quarenta anos – sendo a mais comum delas, a versão vulgarizada do pensamento schleicheriano como “darwinista”, como se Schleicher tivesse construído sua teoria da língua inspirado pela teoria da evolução de C. Darwin. Entretanto, como observa Maher (1983), a história é outra: as teorias linguísticas de Schleicher estavam já encaminhadas na época do surgimento da “*Origem das Espécies*” de Darwin (1859) – a teoria sobre a morfologia de flexão, por exemplo, aparece em “*Zur der Morphologie der Sprache*”, editada em 1959, mesmo ano da publicação da “*Origem*” de Darwin. O ensaio de 1863 representa, justamente, uma tentativa de encontrar pontos de contato entre teorias contemporâneas. Importa então salientar que Schleicher, no ensaio sobre Darwin, procura apresentar sua teoria sobre a língua de forma a serem compreendidos pela ciência natural da sua época.

É nesse contexto que surgem as comparações das estruturas das línguas com as estruturas dos organismos biológicos – e nelas, podemos compreender a teoria schleicheriana sobre a morfologia de flexão. A questão da flexão aparece, no ensaio de 1863, como argumento central da evolução das línguas: Schleicher defende que ao examinarmos o conjunto das línguas humanas, notaremos que elas apresentam trajetórias comuns de evolução, trajetórias que caminham de formas primitivas a formas evoluídas. O índice do estado de desenvolvimento das formas linguísticas é, justamente, a propriedade da flexão morfológica. A teoria pode ser aplicada na diacronia e na sincronia – ou seja, trata-se de uma teoria de mudança, mas também (e acima de tudo) trata-se de uma **teoria da linguagem**, na qual a trajetória da mudança é fundamento das categorizações e taxonomias. Vamos ver isso de perto: para Schleicher, os elementos “simples”/ “primitivos”/ “originais” das estruturas linguísticas são os radicais puros, formas não-estruturadas que exprimem idéias ou

referências, mas não exprimem relações gramaticais. Exemplo disso seria uma forma do proto indo-europeu como **dha* (que resultará no radical germânico *ta-*, de “*thue*”, ou “*do*” – ‘fazer’), que encerra, em estado de dormência, as possibilidades de expressar as diferentes relações gramaticais:

“In that oldest form **dha*, slumbered the different grammatical relations, verbal and nominal, with their modifications, unsevered as yet and undeveloped”.

Notemos, então: o estado primitivo da linguagem caracteriza-se pela presença de radicais não-estruturados, não “recortados”, não especializados, usados em combinações simples para expressar as relações gramaticais. A “evolução” da linguagem teria consistido, justamente, no desenvolvimento desses radicais em formas mais complexas, capazes de exprimir, além do sentido da raiz, as próprias relações gramaticais. Ou seja: **a evolução da linguagem consiste no desenvolvimento da morfologia de flexão**. Temos que entender isso de modo literal: para Schleicher, as formas linguísticas desenvolvem-se, as formas linguísticas sofrem evolução – as formas linguísticas são estruturas comparáveis a organismos biológicos como a célula:

“You, and your fellow naturalists, will best understand my argument, when I characterize that radical element as the **cells** of speech, not yet containing any particular organs for the functions of noun, verbs, etc, and in which these functions (the grammatical relations), are no more separated yet than respiration and digestion are in the one-celled organisms, or in the ovary of the higher living beings”.

Um radical não-flexionado, assim, é comparável a uma célula que ainda não desenvolveu estruturas especializadas. Portanto: do mesmo modo como as diferentes funções celulares (digestão, respiração) estão “*latentes*” nos organismos celulares menos desenvolvidos, as diferentes funções linguísticas (relações gramaticais) estão “*latentes*” nas formas linguísticas menos desenvolvidas. Assim, a **especialização das formas** para cada uma das funções gramaticais será índice de sua evolução, de modo análogo à especialização das estruturas celulares nos organismos biológicos. Esta é a analogia central proposta no ensaio de 1863 por Schleicher como tentativa de diálogo com as ciências naturais em geral (e a teoria de Darwin em particular). Notemos um ponto importante da analogia, quando Schleicher remete aos organismos unicelulares (i.e., organismos inferiores na escala da evolução) e ao “*ovário dos seres vivos superiores*”: a analogia com a célula no ovário mostra que esta teoria deve servir tanto para a descrição da evolução das línguas no tempo, como para a descrição sincrônica. Ou seja: o radical é a forma primitiva de expressão das línguas não-evoluídas (como veremos), mas também a unidade mais simples a ser descrita nas línguas evoluídas. Retomando a analogia de Schleicher, temos o seguinte quadro. A linguagem humana emerge como um conjunto de formas primitivas sem estrutura interna distinta, i.e., sem morfologia funcionalmente especializada (raízes):

“In a word, the point from which all languages had their issue were significant sounds, simple sound-symbols of perception, conceptions, and ideas, which might assume the functions of any grammatical form, although such functions were not denoted by any particular expression, although they were not organized, as we might say. In this remote stage of the life of speech, there is consequently no distinction in word or sound between verbs and nouns; there is neither declension nor conjugation”. [50]

Desse estado primitivo, a linguagem pode evoluir para estágios superiores, nos quais as diferentes funções gramaticais passarão a ser expressas por estruturas distintas, i.e., por morfologia funcionalmente especializada. Em um primeiro estágio, as estruturas especializadas aparecerão como “afixos” às raízes (como por exemplo, no inglês, {**love** / **lov-ed**}); num estágio superior, pela “**flexão**” da raiz (como no inglês, {**do** / **did**}). A flexão, assim, é o desenvolvimento superior do afixo. Podemos exprimir esta idéia com o seguinte diagrama, que repete a taxonomia de Schleicher (**[A]** = raiz; **[A’]** = afixo; **[A^a]** = raiz flexionada):

[A] > [A’] > [A^a]

Até este ponto, procurei expor a teoria da linguagem de Schleicher em uma chave mais teórica e geral, sem remeter a suas análises de línguas particulares – com o propósito inicial de compreendermos a importância da morfologia de flexão nesta proposta. O importante até aqui foi entendermos que a proposta de Schleicher é antes de tudo uma generalização, é o desenho de um modelo teórico que explicaria o funcionamento da linguagem – numa chave condizente com seu tempo, ou seja, um modelo que explica a especialização de formas como índice da evolução no tempo (de resto, colocando a teoria de Schleicher de fato numa posição muito sintonizada com a teoria de Darwin). A generalização, portanto, deve ter um poder explicativo amplo, como quer o autor:

“We assume therefore that all languages had the same original form. When man had found his way from gesticulation and imitation of sound, to sounds expressive of meaning, these were mere forms of sound without any grammatical relation”. [54]

Interessa agora passarmos para os trechos em que o autor procura aplicar essa generalização para as línguas particulares – pois neles veremos conformar-se o desenho de uma **hierarquia** entre as línguas do mundo, que será ponto de partida para o trabalho seguinte de Schleicher a ser examinado aqui. Antes de tudo, observemos que a hierarquia que se pode depreender do esquema geral de Schleicher é evidente: quanto mais “*flexional*” for uma língua, mais alta sua posição na escala evolutiva. É justamente o que ele afirma ainda no ensaio de 63:

“All the languages of a **higher organization** – as for instance the Indo-Germanic parent which we are able to examine – show by their construction, in a striking manner, that they have arisen from simpler forms, through a process of gradual development. The construction of all languages points to this, that the eldest forms were in reality alike or similar; and those less complex forms are preserved in some idioms of the **simplest kind**, as, for example, Chinese”. [50]

A proposta de uma hierarquia entre as línguas orientada pelo grau de evolução na escala natural que vai de [A] a [Aⁿ] (**raiz > flexão**) decorre portanto com muita facilidade da teoria proposta por Schleicher em 1863. Essa hierarquia é sugerida explicitamente pelo autor, neste trabalho, com o exemplo da família indo-germânica no topo da escala evolutiva, e do chinês na sua base (fato interessante, a ser discutido mais à frente). Notemos: a característica estrutural que permite o encaixamento de cada língua nesta escala é a morfologia de flexão – assim, as línguas indo-germânicas são superiores por apresentarem morfologia de flexão; o chinês é inferior por não apresentar morfologia de flexão.

Essa idéia incipiente do ensaio de 1863 irá se desenvolver com plena força no trabalho publicado em 1865, “*On the Significance of Language to the Natural History of Man*”. Aqui, Schleicher dará um passo além na sua tipologia: ele vai propor que **a escala de desenvolvimento das línguas equivale a uma escala de desenvolvimento dos seus falantes**. Antes mesmo de entrarmos nos particulares do texto, já podemos prever a lógica decorrente da proposta do ensaio de 1863 neste sentido: os falantes das línguas com morfologia de flexão plenamente desenvolvidas estão em um estágio superior de desenvolvimento em relação aos falantes das línguas que não apresentam morfologia de flexão. É exatamente isso que Schleicher vai propor no trabalho de 1865. Para entendermos esta proposta, temos que contextualizar brevemente este trabalho: seu objetivo é contribuir para a compreensão da trajetória da evolução do ser humano por meio da tipologia linguística. Notemos como Schleicher introduz a idéia:

“One can classify animals according to their morphological structure. For humans, however, outer appearances now seem to me to be a matter relatively insignificant and passé. To classify humanity we need, so it seems to me, finer, higher criteria, exclusively proper to man. This we find in language.

But language is of significance not only for the elaboration of a scientific systematization of humanity, but also for the evolutionary history of man. In previous work I reached the conclusion that language above all characterizes man

as human and that accordingly the various stages of language are to be considered as the perceptible, characteristic traits of various grades of man". [79]

O estágio do desenvolvimento de determinada língua, portanto, seria um indicativo do estágio de desenvolvimento dos diferentes grupos humanos. Dois pontos importantes sustentam esta tese: o primeiro é a relação direta que o autor estabelece entre a atividade cerebral e a atividade linguística: sendo a língua um sintoma das relações materiais entre o cérebro e os órgãos da fala, o desenvolvimento da língua é um sintoma do desenvolvimento das estruturas cerebrais e dos órgãos da fala:

"Language is the audible symptom of the activity of a complex of material relations in the structure of the brain and speech organs, with nerves, bones, muscles, etc. ... It is possible that language differences are the result of minimal differences in the character of the brain and the speech organs".[76]

"Development of language however means the same for me as development of the brain and speech organs". [80]

O segundo ponto que sustenta esta tese, e que aqui nos interessa particularmente enfatizar, é aquele a que já fizemos referência: o grau de desenvolvimento das línguas é objetivamente mensurável pelo critério do **grau de especialização morfológica das funções gramaticais**. Assim, no ensaio de 1865 Schleicher repete e aprofunda algumas das idéias sugeridas em 1863:

"The languages that to date have been dissected into their ultimate elements and those that have remained on the simplest stage of evolution show that the oldest form of language was everywhere the same. The oldest material of language was sounds designating objects and concepts. There was as yet no expression of relations, nor differentiation of word classes, nor declension, nor conjugation. All such developments obviously developed later. In this regard indeed some languages have never evolved to this level at all, and others have not reached this stage to an equal degree. To name just one example, Chinese to this day has no phonic differentiation of word classes. True verbs, in opposition to nouns, I have found in the languages known to me only in Indo-European languages. Morphologically, but only morphologically, according to my studies, all languages are in origin essentially the same. But these first beginnings must have differed in their phonetic shape, as well as in the concepts and objects reflected in sound, not to speak of their evolutionary capacity". [80]

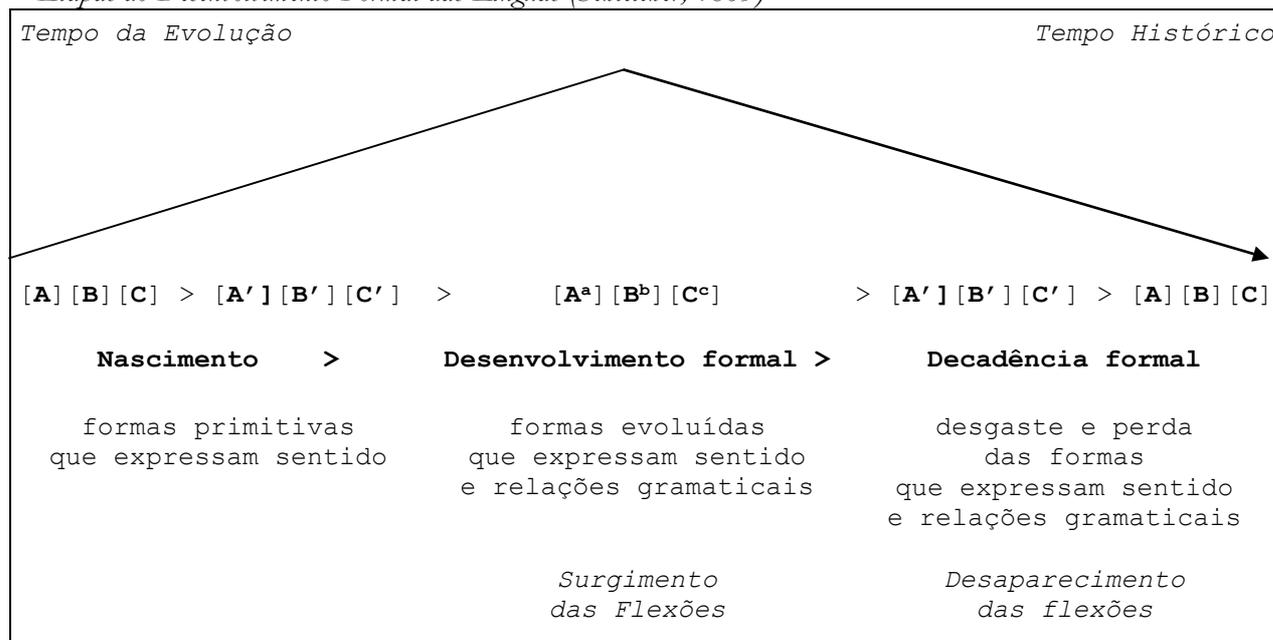
A partir dessas considerações, Schleicher irá propor uma escala de três grandes períodos de desenvolvimento evolutivo da "raça humana":

"Thus it may be permitted to divide the life of the human race to date in three great periods of development. Naturally, the transition from one to the next is gradual and not everywhere contemporary. These periods are:

- (1) The period of evolution of the physical organism according to its essential features, probably a period incomparably longer than the following and treated by us here as an interval only for the sake of brevity;
- (2) The period of the evolution of language;
- (3) The period of historical life, in the beginning of which we still stand, and into which some peoples of the earth seem not yet to have entered".

Podemos resumir a proposta de Schleicher num quadro como o seguinte:

Etapas do Desenvolvimento Formal das Línguas (Schleicher, 1865)

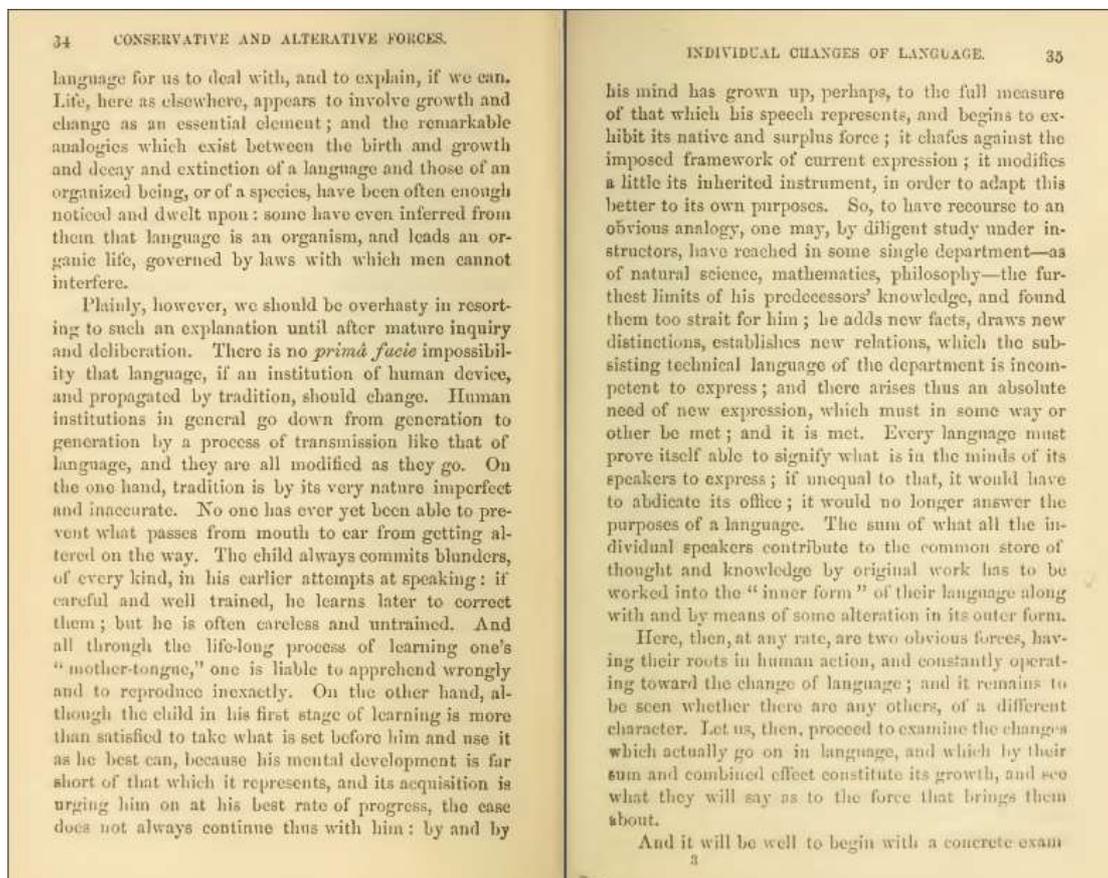
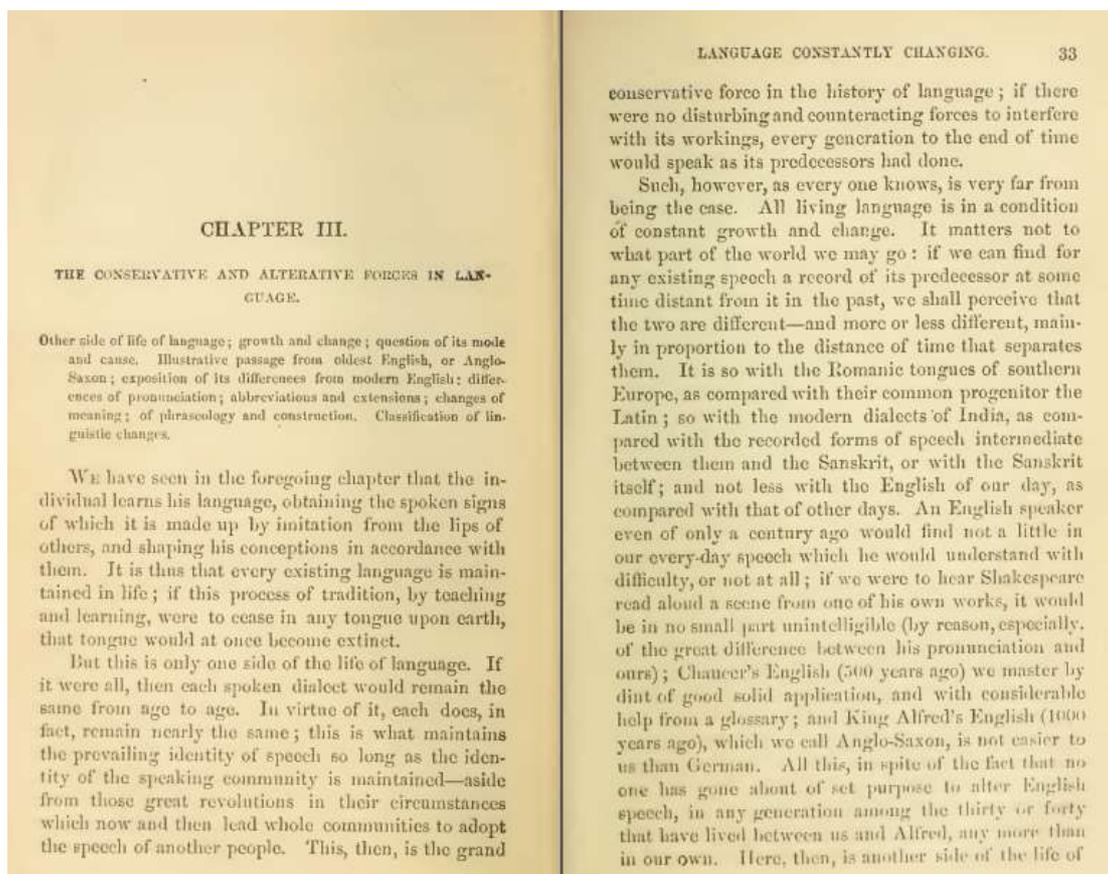


Notemos agora dois pontos fundamentais nesta proposta. O primeiro é que ela permite uma **hierarquização em dois sentidos opostos**, i.e, ela expressa a superioridade das línguas “*de organização estrutural superior*” em relação a dois tipos de línguas inferiores: as línguas que **ainda** não evoluíram (“*primitivas*”) e as línguas que **já passaram** do estágio de evolução (“*decadentes*”) – como a curva desenhada no diagrama acima tenta exprimir. Notemos, ainda, que essa hierarquia irá se aplicar às línguas e a seus falantes: assim, da tese da correspondência entre o estágio evolutivo de cada língua e o estágio evolutivo de seus falantes decorre, logicamente, que os povos falantes de “*línguas decadentes*” são “*povos decadentes*”. Entre os exemplos mais repetidos deste grupo estão os povos falantes das línguas românicas modernas, “*decadentes*” em relação ao latim, pois que perderam a expressão puramente flexional das relações gramaticais. Decorre também, da mesma tese, que os povos falantes de “*línguas primitivas*” são “*povos primitivos*”. Como exemplo, Schleicher menciona as “*tribos indígenas da América do Norte*”, um povo “*inadequado*” (“*unfitted*”) para a vida histórica:

“As we can now percieve, certain peoples, such as the North America Indian tribes, are unfitted for historic life because of their endlessly complicated languages, bristling with overabundant forms; they can only undergo retrogression, even extinction. Accordingly, it is most probable that not all organisms that found themselves on the path to becoming human have attained to the evolution of language. One part of these creatures was left behind in evolution and never entered our second period, but succumbed to retrogression and as all such stunted beings, to gradual extinction. The rest of these stunted creatures remaining without language, and never achieving the human state, we see in the anthropoid apes”. [82]

2.1.2 W.D. Whitney

1875: WHITNEY, W. Dwight. "The life and growth of language: an outline of linguistic science"



2.1.3 Leite de Vasconcelos

1886: J. L. de Vasconcelos. *A evolução da linguagem : ensaio anthropologico.*

70

rio).—Em segundo lugar temos os caracteres physiologicos: cada lingua prefere uns certos sons, em virtude do que adquire um *habito phonetico* especial que faz com que o individuo não pronuncie nunca bem uma lingua estrangeira, e, apenas um som estranho se introduza na sua, elle seja logo transformado num analogo: assim o *j* cast. é mudado em *g* pelo nosso povo. No portuguez ha sons, por ex. as vogaes nasaes, que não existem em italiano; em inglés ha outros, por exemplo *th*, que não existem em francés. Muitas linguas tem alphabets abundantes; outras tem-nos restrictos. Raro se encontrarão em duas linguas diferentes dois sons exactamente eguaes: ficão sempre umas tenues modalidades que só o ouvido do philologo ou o apparatus registador do physiologista poderão distinguir.—Em terceiro lugar temos os caracteres psychologicos e sociaes, e d'estes resultão a morphologia, a syntaxe, o estylo e em parte o lexico. Umhas linguas possuem casos, outras não, uma fórma facilmente palavras compostas, outra tem custo nisso; ésta emprega de preferencia a ordem directa, aquella a inversa; aqui o estylo destumbrá, allí é sócco e arido, e sómente visa á logica das ideias, sem se importar com o apparatus exterior.

II

MESOLOGIA GLOTTICA

A *mesologia glottica* è, como diz o sr. Adolpho Coelho (*A lingua portugueza*, pg. 40), « o estulo das influencias exteriores que reagem sobre as linguas. » Estas influencias são muitas, mas uma grande parte difficeis de apreciar meudamente.

a) *A raça.* Com quanto várias raças possão fallar uma só lingua, ou uma raça várias linguas, todavia ha não só nesses

1 O glottologo italiano G. L. Ascoli (que eu já citei acima) tractou uma parte d'esta questão no seu opusculo *Una lettera glottologica*, Torino 1881, á respeito do latim e das linguas celticas.

71

casos variações dialectaes, mas em geral cada povo tem uma lingua com caracteres proprios. Como se revela a raça na sua influencia sobre a lingua? Não se póde responder em absoluto; no entanto lembremo-nos de que a lingua depende dos orgãos, e que basta uma pequena modificação d'estes para aquella se alterar: uma disposição especial de uma mucosa, o vigor de uma articulação, a riqueza de um musculo, a abundancia do sangue de um vaso, — que serie de causas a actuarem nas linguas! A larynx dos negros lembra em resumo a conformação dos sacos laryngeos do macaco; tem-se attribuido a difficuldade da pronunciação da letra *r* nesses povos ao pouco desenvolvimento do *styloglossa*, musculo motor da lingua (Bordier, *Geog. med.*, p. 458). Um povo soturno e pratico como os ingleses ha-de ter uma lingua menos expansiva do que outros em condições oppostas, por exemplo os franceses, cuja lingua è cheia de imagens. Conheço aqui no Porto individuos estrangeiros, ingleses, allemães, hispanhoes, que, tendo vivido e sido educados sempre no nosso meio, fallão o portuguez exactamente como os portuguezes; a análise mais minuciosa não discerne na linguagem d'elles nada que manifeste a phonetica das linguas da sua familia¹; mas quer isto dizer que uma lingua não depende em nada da raça? De certo que não. O que se não manifesta distinctamente num individuo isolado, manifesta-se num grupo. Uma lingua nacional è sempre uma média das linguagens de cada individuo, porque cada um tem o seu modo particular de se exprimir. O que o nosso discreto Fernão de Oliveira observou para os vocabulos, — « os homens fallão do que fazem: e por tanto os aldeãos não sabem as falas da corte, e os carpateiros não são entendidos na arte de marear »², — è verdade tambem para as outras particularidades idiomaticas, timbre, construcção, particularidades phoneticas, etc. Tudo isto, considerado á parte, dá a *lingua individual*; considerado em grupos especiaes, dá os *dialectos*; considerado na generalidade, dá a *lingua nacional*. Supponhamos que podiamos tomar um

1 Na syntaxe não tenho podido observar, e seria interessante fazer isso; mas para a análise ser completa, torna-se necessario observar analphabetos que não tenham vivido com individuos da sua nacionalidade; pessoas instruidas podem soffrer a influencia do estylo dos livros.
2 Gramma., p. 71. Whitney, no seu livro *La vie du langage*, cap. 9.º, desenvolve estas mesmas ideias do velho grammatico portuguez.

grande número de crianças inglesas recém-nascidas, que as creavamos num ponto perfeitamente isolado, livre de toda a influencia estranha (era quasi a experiencia de P'sammetico), e lhes ensinavamos o portuguez. As crianças desenvolviam-se, constituindo mesmo mais tarde um estado com uma lingua e litteratura propria. Até que ponto se pareceria a lingua d'esse povo com a inglesa e com a nossa? E' o que não é facil precisar; mas *a priori* podemos imaginar bem que nella se havia de manifestar em parte (por hereditariedade) alguma cousa do que na lingua inglesa depende exclusivamente da raça em si, — pois não entré em considerações com o clima, etc.¹ Este exemplo não é de todo phantastico, porque na historia da lingua inglesa vemos manifestar-se a influencia franceza grandemente no vocabulario (por motivos historicos), e comtudo aquella lingua ficou germanica quanto ao genio.

b) *Clima*. O clima actua innegavelmente nas linguas, como actua noutros phenomenos physio-psychologicos e sociaes; mas por que mecanismo? Já acima disse alguma cousa a este respeito, a pg. 44. sq. Tem-se affirmado que o frio pôde impedir a produção dos sons que demandão grande abertura de bôca; não está porém nada bem averiguado a este respeito. O que porém é certo é que a temperatura influe na loquacidade. A habitação demorada ao ar livre torna a voz rouca e aspera. Numa ordem de ideias um pouco differentes, sabe-se tambem (Bordier, *obr. cit.*, p. 544) que a distribuição do gaguejo, em França, segue a direcção dos ventos polares.

c) *Influencia de outras linguas*. Uma lingua soffre muitas vezes a influencia de outra, já no vocabulario, já na construção syntactica, que a principio se manifesta só na litteratura e depois na lingua fallada. Assim, por uma ignorancia de grammática, quasi todas as pessoas trazem a phrase franceza *de manière à* por *de maneira a* (quando a construção rigorosa é *de maneira que*) ou, o que é mais galante, por

¹ «Le langage se façonne d'après le génie de ceux qui l'emploient. Ses fonctions correspondent à leurs facultés. S'il y a des langues plus formelles que les autres, cela tient aux qualités différentes des races auxquelles ces langues appartiennent, à leur degré d'éducation et de développement, et nullement à leur point de départ ou à la nature des matériaux dans lesquels toutes ont puisé». Whitney, — *La vie de langage*, 3.^e ed., Paris 1880, pg. 167.

de maneira a que: esta syntaxe por ora limita-se à gente que lida directa ou indirectamente com livros francezes; mas não tardará talvez o dia em que se generalise¹. Na acção natural e individual que uma lingua ou um dialecto exerce sobre outra lingua ou outro dialecto, tenho notado estas duas leis: 1.^a — se o individuo que falla o novo idioma é joven, perde mais de pressa os seus habitos linguisticos; 2.^a — os phenomenos caracteristicos custão geralmente mais a perder-se (como nos gallegos que não são capazes de substituir o seu *x* ao nosso *j*).

d) *Meio social*. O meio social, em virtude da acção da litteratura, da escrita, da moda, da instrucção, é um grande factor da mudança dos caracteres de uma lingua. Não vemos nós um escriptor de genio arrastar atrás do seu estylo uma pleiade de admiradores? A orthographia não faz modificar a pronuncia natural dos vocabulos? Um individuo instruido, ou de gosto apurado, varia até ao infinito a construção da phrase e innova palavras com facilidade. A *moda* revela-se por exemplo na preferéncia ou na escolha dos vocabulos: assim quasi todas as pessoas dizem e escrevem erradamente *o colera* em vez de *a colera*. A respeito das condições sociaes, disse o sr. Adolpho Coelho: «Dois principios importantes se achão determinadas com relação a essas condições: 1.^o) As alterações de uma lingua estão em razão directa das alterações, nas condições sociaes, do grão de intensidade da vida historica do povo que a falla; 2.^o) As alterações das linguas estão em razão inversa da cultura litteraria»². — A pronuncia rapida e atrapalhada, um mau ouvido, são outras causas de alteração das linguas; mas nunca essa alteração se faz ao acaso, obedece as leis.

e) *Sexo*. O sexo tem a sua influencia sobre as linguas: cfr. o que eu disse a pg. 41 e 43 d'este livro. Observa Sayce que as mulheres na Groenlandia mudão o *k* em *ng* e o *t* em *n* (*obr. cit.*, pg. 70). Entre os Caribás das Antilhas a lingua dos homens differe essencialmente da das mulheres: L.

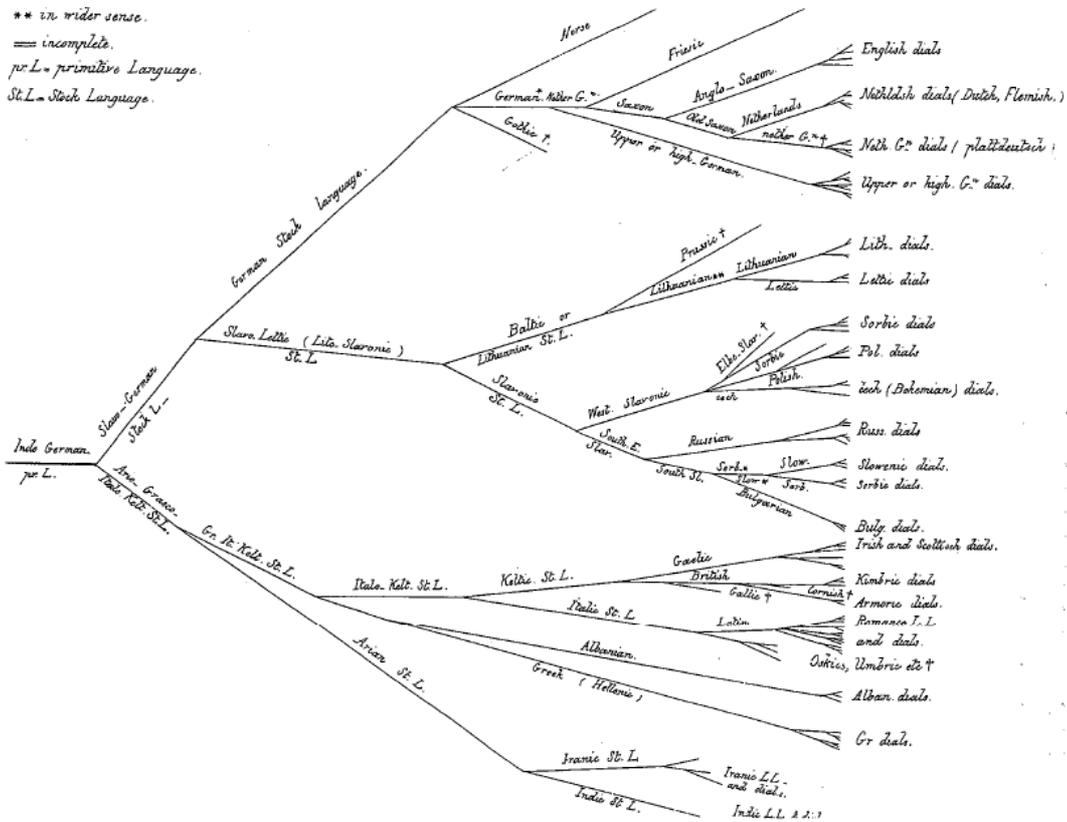
¹ Esta acção de uma lingua sobre outra é sempre mais ou menos limitada, principalmente quando não há *impozicão* de lingua (por conquista, etc.), e há somente simples *contacto*. A questão porém é muito complicada, porque seria preciso fallar aqui do que se tem escrito acerca de *linguas mistas*, *provas bilingues*, etc., e portanto occupar-me-hei d'ella noutra occasião, com mais vagar.

² *A lingua portuguesa*, pg. 11.

2.2 De "Línguas mistas"

- Bon giorno Signor. Come ti star?
 — Mi star bonu, e ti?
 — Mi star contento mirar per ti.
 — Grazia.
 — Mi pudir servir per ti per qualche cosa?
 — Muchu grazia.
 — Ti dar una cadiera al Signor.
 — Non bisogna. Mi star bene acusi.
 — Come star il fratello di ti?
 — Star muchu bonu.
 — Star in casa?
 — No, star forà.
 — E il padre de ti comme star?
 — Non star bonu.
 — Cosa tenir?
 — Tenir febra.
 — Dispiacer muchu per mi.
 — Molto tempo ti non mirato Signor M.?
 — Mi mirato ieri.
 — Star buona genti.
 Quando ti mirar per ellu, salutar mucho per la parte di mi.
 — Adios amigo.

Dictionnaire de la Langue Franque ou Petit Manresque, suivi de quelques dialogues familiers (Marseilles, 1830)



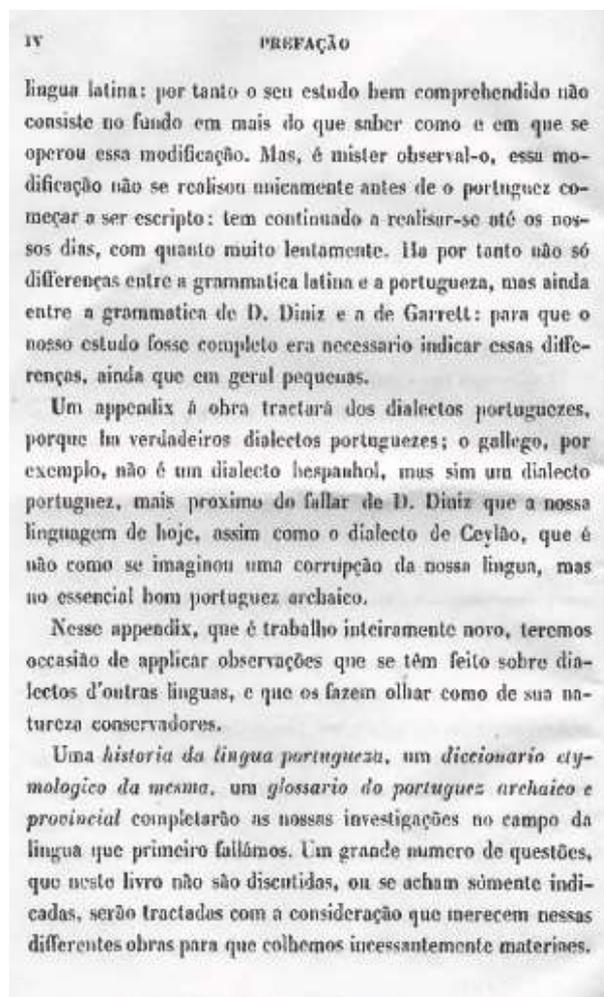
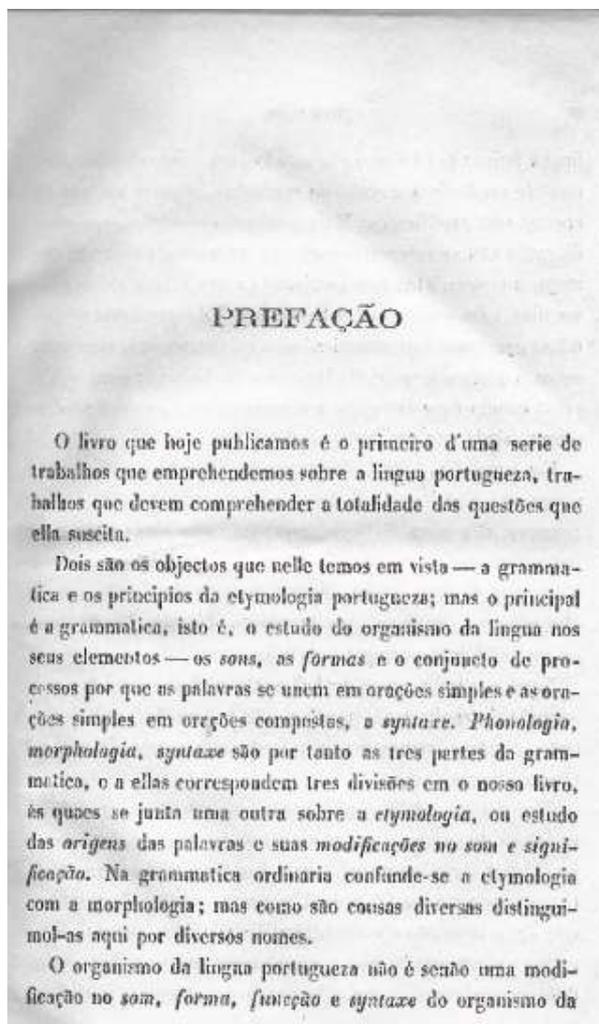
Stammbaum de Schleicher, 1863

2.3 Voltando à língua portuguesa

2.3.1 A. Coelho

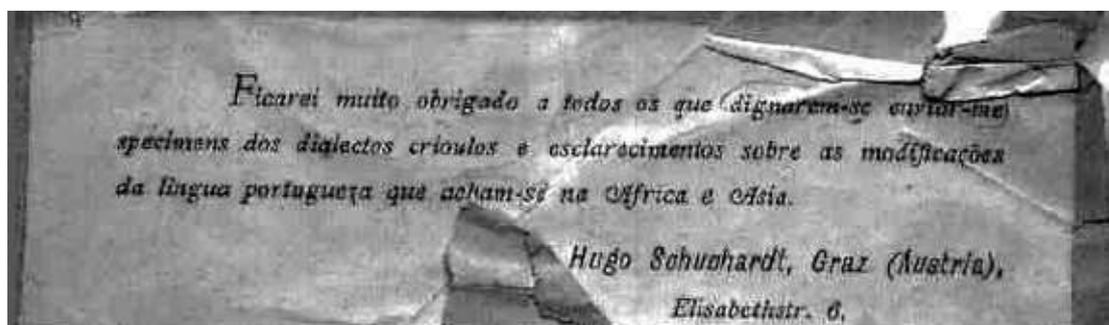
1868: COELHO, F. A., (1847-1919). “*A Língua Portuguesa ...*”.

1881: COELHO, F. A., (1847-1919). “*Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*”.



2.3.2 H. Schuchardt

1882: SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario (1842-1827). “*Kreolische Studien: I*”.



3. Algumas questões trazidas pelas grandes genealogias: o "*contato*"

Exame de textos

- 1863: SCHLEICHER, A. "The Darwinian Theory and the Science of Language".
1865: SCHLEICHER, A. "On the Significance of Language to the Natural History of Man".
1875: WHITNEY, W. Dwight. "The life and growth of language: an outline of linguistic science"
1881: COELHO, F. A. "Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América".
1882: SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. "Kreolische Studien: I".
1886: VASCONCELOS, J. Leite de. "Evolução da Linguagem".

Bibliografia Complementar:

Heggarty, P. et al. 2010. Splits or waves? Trees or webs? How divergence measures and network analysis can unravel language histories. *Phil. Trans. R. Soc. B* (2010) 365, 3829–3843.

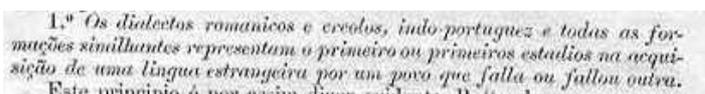
3.1 Mudança interna e mudança por contato

3.1.1 As *Considerações* de Adolfo Coelho

1881: COELHO, F. A., (1847-1919). “*Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*”.

Adolfo Coelho, “*Os dialectos romanicos ou neo-latinos...*” - *Considerações gerais* (pp. 62-70):

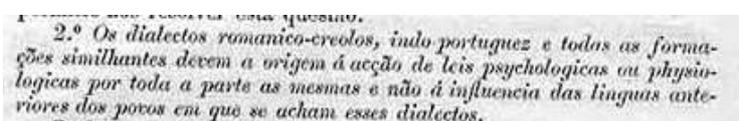
(p. 66)



1.º Os dialectos romanicos e creolos, indo-portuguez e todas as formações semelhantes representam o primeiro ou primeiros estadios na aquisição de uma lingua estrangeira por um povo que falla ou fallou outra. Este principio é por assim dizer cabal. Para a

"1º. Os dialectos romanicos e creolos, indo-portuguez e todas as formações semelhantes representam o primeiro ou primeiros estadios na aquisição de uma lingua estrangeira por um povo que falla ou fallou outra".

(p. 69)



2.º Os dialectos romanico-creolos, indo-portuguez e todas as formações semelhantes devem a origem á acção de leis psychologicas ou physiologicas por toda a parte as mesmas e não á influencia das linguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos."

"2º. Os dialectos romanicos e creolos, indo-portuguez e todas as formações semelhantes devem a origem á ação de leis psychologicas ou physiologicas por toda a parte as mesmas e não á influencia das linguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos".

3.1.2 Abordagens contemporâneas do "contato" (i)

3.1.2.1 S.G. Thomason & T. Kaufman, "Language Contact and Genetic Linguistics", 1988

"For well over a hundred years, mainstream historical linguistics have concentrated heavily on system-internal motivations and mechanisms in studying language change. The methodological principles embodied in the powerful Comparative Method include an assumption that virtually all language change arises through intrasystemic causes. Most historical linguists, therefore, would probably still agree with Welmers' view that, in phonology and morphosyntax, external influences "are insignificant when compared with internal change... the established principles of comparative and historical linguistics, and *all we know about language history and language change*, demand that... we seek explanations first on the basis of recognized processes of internal change" (1970:4-5, emphasis ours [William Welmers, Language change and language relationships in Africa, Language Sciences, n. 12]). Max Müller's claim that mixed languages do not exist reflects this prejudice, both because a mixed language could not arise without extensive foreign influence and because the existence of mixed languages would constitute a potential threat to the integrity of the family tree model of genetic relationship (and hence to the Comparative Method itself). (Thomason & Kaufman, 1988:1)

É preciso distinguir duas situações distintas nos processos de "interferência" entre línguas ("contato"), a **manutenção de línguas** (*language maintenance*); e a **troca de línguas** (*language shift*):

- **Manutenção:**

Uma população falante da língua A entra em contato com uma população falante da língua B. A língua A se mantém entre seus falantes, mas elementos da língua B poderão modificá-la.

- O processo de interferência transcorre tipicamente pelo bilinguismo;
- Os resultados da interferência serão tipicamente os *Empréstimos* (lexicais e/ou estruturais):

"Borrowing is the incorporation of foreign features into a group's native language by speakers of that language: the native language is maintained but is changed by the addition of the incorporated features. (...) Invariably, in a borrowing situation the first foreign elements to enter the borrowing language are words. Typically, though not always, the borrowed words are treated as stems in the borrowing language – that is, they take the usual affixes for the appropriate stem-class. (...) If there is strong long-term cultural pressure from source-language speakers on the borrowing language speaker group, then structural features may be borrowed as well – phonological, phonetic, and syntactic elements, and even (though more rarely) features of the inflectional morphology. (...) Although lexical borrowing frequently takes place without widespread bilingualism, extensive structural borrowing, as has been often pointed out, apparently requires extensive (though not universal) bilingualism among borrowing-language speakers over a considerable period of time". (T&K 1998:37)

- **Troca de Línguas:**

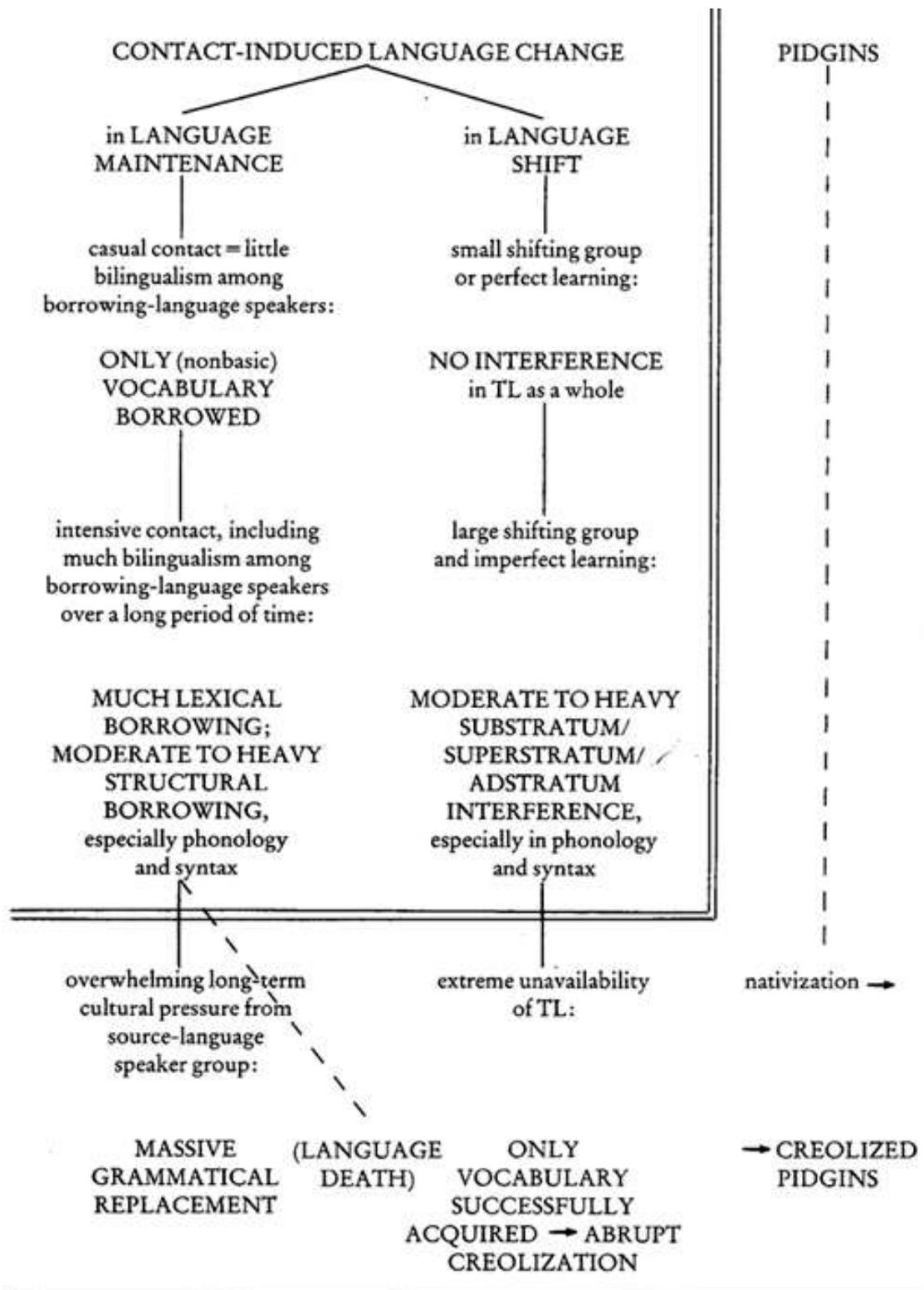
Uma população falante da língua A entra em contato com uma população falante da língua B, e *passa a se utilizar da língua B como idioma principal*.

A língua B (aqui, a "*língua alvo*") utilizada pelos novos falantes poderá sofrer influências da língua A original. Essa influência pode se difundir para o todo da população de falantes da língua B nas gerações seguintes.

- O processo de interferência se dá tipicamente pelo *aprendizado imperfeito*;
- Os resultados da interferência serão tipicamente as *Reanálises* (fonológicas, morfológicas, sintáticas):

"Unlike borrowing, interference through imperfect learning does not begin with vocabulary: it begins instead with sounds and syntax, and sometimes includes morphology as well, before words from the shifting groups' original language appear in the TL. (...) Often, in fact, the TL adopts few words from the shifting speakers' language. (...) This makes sense if one thinks about it a bit. If the speakers' goal is to give up their native language and speak some other language instead, vocabulary is the first part of the TL they will need, so it is the first part they will learn. (...) They will probably keep their own native-language words only for things

the TL has no words for: foods and other cultural items, and (if the TL speakers are invaders from elsewhere) names for local animals, plants, and so forth" (T&K 1988:39).



3.1.2.2 Abordagens gerativistas (D.Lightfoot, A.Kroch)

- David Lightfoot, “*The Development of language*”, 1999.

“... when traditional historical linguists speak of a language changing, somebody with a biological view of grammars takes a reductionist stance and thinks of individual grammars changing and the changes spreading through a population. When others ask why a language should have changed in such a way, we ask why grammars should have changed, aiming to explain the complex by the simple. This shift of perspective makes a big difference”.

“So when we think about change over the course of time, diachronic change, we shall now think not in terms of sound change or language change but in terms of changes in these grammars, which are represented in the mind/brains of individuals (...)”

“If people produce utterances corresponding fairly closely to the capacity of their grammars, then children exposed to that production would be expected to converge on the same grammar. This is what one would expect if grammars have structural stability, as we have claimed”

“In that case, diachronic change would be expected only if there were some major disruption due to population movement. Not only is this what one would expect naively and pre-theoretically; it is also what many learnability models would lead one to expect.” (Lightfoot, 1999)

- Anthony Kroch, “*Syntactic Change*”, 2001

"From the perspective of modern generative grammar, language change is narrowly constrained by the requirement that all languages conform to the specifications of the human language faculty; but the fact of language change, like the brute fact of the structural diversity of the world's languages, marks a limit to the biological specification of language".

"Just how wide a range of variation biology allows is perhaps the major open question of theoretical linguistics; but whatever that range may be, it is the field on which historical developments play themselves out." (...)

"Language change is by definition a failure in the transmission across time of linguistic features".

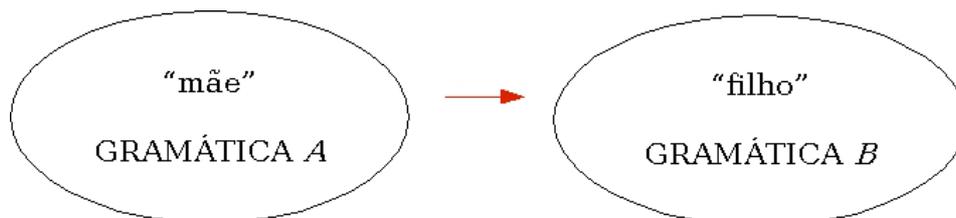
"Such failures, in principle, could occur within groups of adult native speakers of language, who for some reason substitute one feature for another in their usage, as happens when new words are coined and substituted for old ones; but in the case of syntactic and other grammatical features, such innovation by monolingual adults is largely unattested".

"Instead, failures of transmission seem to occur in the course of language acquisition; that is, they are failures of learning" (...).

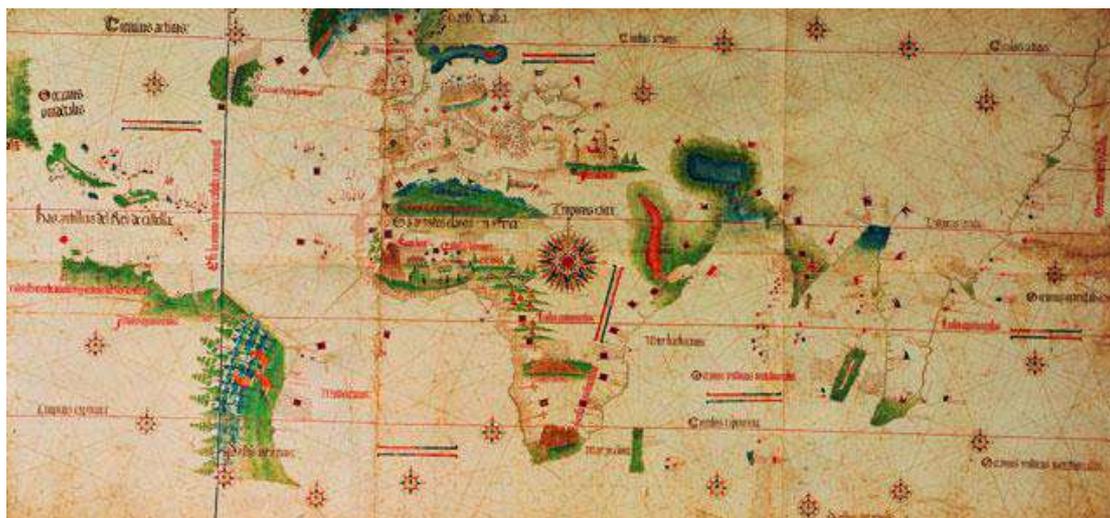
"Since, in an instance of syntactic change, the feature that the learners fail to acquire is learnable in principle, having been part of the grammar of the language in the immediate past, the cause of the failure must lie either in some change, perhaps subtle, in the character of the evidence available to the learner or in some difference in the learner, for example in the learner's age at acquisition, as in the case of change induced through second-language acquisition by adults in a situation of language contact." (Kroch, 2001:1-2)

- Para o gerativismo, o *locus* da mudança é a aquisição da linguagem; nesse quadro, a pergunta central é: "*Como uma determinada geração de falantes pode chegar a fixar uma gramática distinta daquela que gerava os dados da geração anterior?*"

(cf. tb. Paixão de Sousa, 2006).



3.2 A língua portuguesa, 1400-1800



Planisfério de Cantino, 1502 - Autor Desconhecido. ; Biblioteca Estense Universitaria, Modena.

(trechos de Paixão de Sousa, 2010 - Projeto)

“Foram os pioneiros portugueses e os conquistadores castelhanos da orla ocidental da cristandade que uniram, para o melhor e para o pior, os ramos enormemente diversificados da grande família humana.

Foram eles, ainda que vagamente, os primeiros a tornar a humanidade consciente de sua unidade essencial”.

Charles Boxer, *O Império Marítimo Português* (Boxer 2002: 16)

"Ao longo dos trezentos anos que se estendem entre os primeiros anos da expansão marítima portuguesa e o fim da primeira fase de ocupação colonial do Brasil, a língua portuguesa irá transbordar de um pequeno reino no canto ocidental do mundo conhecido para os quatro cantos de um mundo por conhecer, acompanhando o empreendimento de exploração marítima que levará os portugueses a distribuírem-se desde os Açores até as ilhas do Japão, processo histórico sem precedentes que viria a transformar irrevogavelmente a fisionomia da humanidade. Se o estudo da história e da cultura portuguesas a partir do século XV tem como cenário fundamental o movimento da expansão marítima, a história da língua, em particular, encontra aí um ponto de inflexão central, no qual a história de um dos mais obscuros vernáculos da Europa medieval passa a ser a história da quarta língua mais falada no mundo do século XXI. Para Ivo Castro (Castro, 2004), a história da língua portuguesa se define pelos sucessivos ciclos de expansão que refletem “a história da ocupação do território, a formação do estado e os grandes movimentos da nação””:

“O primeiro movimento a considerar pode ser apresentado como uma transplantação inicial da língua, que parte de sua área inicial na Galecia Magna para se derramar pelo resto do território europeu, onde se sobrepõe ao árabe que as populações reconquistadas falavam. O segundo movimento, igualmente para o sul, consiste em um salto para fora da Europa. Com as Descobertas, a língua instala-se em ilhas atlânticas desabitadas, nos litorais africano e asiático que ofereciam suporte às rotas marítimas, e ainda no litoral brasileiro.”

"O ponto de “cesura” entre as duas grandes unidades cíclicas que organizam a história do português, para Castro, se localiza nos anos 1400”:

“Estes dois movimentos sucessivos de crescimento da língua portuguesa permitem-nos reconhecer a presença e a acção de dois ciclos evolutivos, separados por uma cesura no séc. XV: (a) o ciclo da Formação da Língua, que decorre entre os sécs. IX e XV na esteira da

Reconquista do território dos árabes; os povos do norte transplantaram a sua língua para o sul, onde ela se transformou pelo contacto com a língua local e ganhou, a partir do séc. XV, ascendente sobre os dialectos do norte, tornando-se base de uma norma culta de características meridionais, que seria vista como a língua nacional; (b) o segundo ciclo é o da Expansão da Língua: o período do séc. XV a inícios do séc. XVI é aquele em que a língua mais radicalmente se transfigura. Enquanto se reestruturava e consolidava dentro de portas, a língua portuguesa começa a expandir-se para fora da Europa, pelo que, a partir de então, é preciso distinguir entre português europeu e português extra-europeu". (Castro, 2004).

"Na inflexão representada pelo século XV, note-se, dois processos estão em cena: de um lado, a afirmação do português como língua nacional no interior de seu território original; de outro, a expansão da língua para os novos territórios conquistados. A incidência desses dois processos em um mesmo período reveste esse ponto da história da língua portuguesa de um interesse singular para os estudos da relação entre Língua e História. Os processos de consolidação interna e expansão externa da língua configuram dois cenários sócio-históricos radicalmente distintos: em Portugal, a formação da "Língua Nacional" se insere no contexto de uma estabilização das condições sócio-históricas, representada pela fase final do processo de estabelecimento do centro político e cultural no sul do território, iniciado já no século XIV. No Brasil, o contexto é de uma profunda transformação das condições sócio-históricas, representada pela ampliação e diversificação do universo de circulação da língua. Em cada um desses cenários, a língua sofrerá reestruturações gramaticais que virão a formar as principais variantes nacionais do português, a europeia e a brasileira. Cada uma dessas mudanças têm motivações distintas (remetendo às diferentes condições sociais colocadas para a perpetuação da língua seja pelo processo de consolidação interna no contexto europeu, seja pelo processo de expansão externa no contexto extra-europeu) e resultados distintos – mas note-se que, ao contrário do que esses cenários iniciais deixariam supor, as reestruturações sofridas pela variante europeia moderna não foram menos profundas do que aquelas atestadas na variante falada nos domínios americanos".

(...)

"Defenderemos que a história da língua portuguesa nos anos 1400, 1500 e 1600 é a história de sua "expansão", seguindo Castro (2004); e iremos propor que essa "expansão" só pode ser traduzida concretamente na ampliação e diversificação das comunidades de falantes do português ao longo do tempo e do espaço. O estudo da língua desse período, assim, inclui necessariamente a discussão sobre as condições históricas colocadas para a ampliação e diversificação do universo de seus falantes". (...)

"Naturalmente, uma língua não "se expande", mas sim passa a ser falada por um maior número de pessoas – o que se expande de fato, então, é o universo de falantes da língua. "*Expansão da língua portuguesa*" é portanto uma expressão conveniente que usamos para descrever o fato histórico concreto, que é a ampliação do universo dos falantes da língua portuguesa ao longo do tempo. Para compreender a fundo a expansão da língua portuguesa, portanto, antes de tudo importa investigar as condições históricas e as características principais dessa ampliação do universo de falantes da língua. Aqui lembramos que "ampliação", nesse caso, não remete ao simples crescimento demográfico, nem mesmo dispersão geográfica, do grupo social inicial de falantes: o processo histórico da "expansão da língua portuguesa" se explica, primordialmente, pela adoção do português por contingentes populacionais diferentes do grupo social original de falantes ao longo da história. Essa característica da história do português é essencial para a compreensão dos processos de reestruturação linguística que atinge as variantes modernas da língua – em especial, as variantes extra-europeias – e pode ser verificada facilmente com uma breve consulta a dados de demografia histórica".

"Notemos, nesse sentido, que a população de Portugal no fim da Idade Média tem sido estimada em cerca de um milhão de pessoas, número que se eleva a 1.400.000 no censo de 1527 (Boxer, 2002:67), chegando a dobrar apenas no século XVIII, quando o país atinge a marca de 3.000.000 de habitantes (Boxer 2002: 181-182) Este número permanece relativamente estável até 1864, quando o I Recenseamento Geral mede a população em 3.829.618 habitantes; na atualidade, o país conta com 10.566. 212 de habitantes, segundo estimativa do INE¹ para 2005. Entretanto, as estimativas da CPLP para o número de falantes do português

¹ Instituto Nacional de Estatística, <<http://www.ine.pt>>

na atualidade está na casa dos 230 milhões, distribuídos em oito países². Já se vê que esses poucos dados sustentam a idéia geral de que o processo de expansão da língua portuguesa transborda e supera o grupo inicial de falantes da língua: a presença de mais de duzentos milhões de falantes do português nos oito países atuais da lusofonia, naturalmente, não se explica como multiplicação demográfica de um grupo colonizador inicial. O processo de “expansão da língua portuguesa” não remete a alguma transferência maciça da população originariamente radicada na Europa para os domínios políticos de ultra-mar, nem a algum posterior crescimento maciço desse grupo de colonizadores. Basta, para mostrá-lo, lembrar que aquele contingente populacional de não mais que um milhão e meio de habitantes será a base demográfica original para a ocupação de um espaço político que, até o final do século XVI, se estenderá da América do Sul até o Japão. A desproporção entre a vastidão dos territórios a serem ocupados e as condições demográficas portuguesas foram salientadas por C. Boxer, que apontou as duas dificuldades principais desse processo: de um lado, os efeitos perversos desse esforço de ocupação sobre a própria economia interna portuguesa, em razão da “sangria” de homens aptos a lavrar a terra no país³; e de outro, a baixa capacidade de ocupação dos territórios conquistados⁴.”

"Assim, o contingente populacional que deixa Portugal ao longo do empreendimento ultra-marinho é a um tempo imenso e diminuto. Imenso enquanto sacrifício de uma população já escassa no interior das fronteiras originais; diminuto perante a imensidão do território conquistado para além dessas fronteiras. A história demográfica nos mostra que a idéia de um “espalhamento” do português via diáspora populacional não é adequada, visto que o grupo social inicial dos falantes que podem ter se “espalhado” pelo mundo é limitado. A estimativa de Boxer é que o número de portugueses emigrados tenha se mantido, até fins do século XVII, em cerca de mil pessoas por ano para a Ásia e mil pessoas por ano para a América. No caso da América, a situação só irá mudar consideravelmente no século XVIII: com o início da exploração de ouro em Minas Gerais, o número de portugueses emigrados para o Brasil salta daqueles cerca de 1.000 por ano para até 5.000 por ano nas primeiras décadas dos 1700 (Boxer 2002: 181-182)".

"O quadro desfavorável à idéia de uma “invasão” linguística dos territórios ocupados pode ser complementado com o seguinte dado: em contraste com os cerca de mil portugueses que teriam emigrado anualmente no Brasil ao longo dos séculos XVI e XVII, o desembarque de escravos africanos nos portos brasileiros pode ser calculado em cerca de 10.000 a 13.000 por ano ao longo das últimas décadas do século XVI (Boxer 2002:117). Dessa forma, não só os falantes de português que se radicam no Brasil são poucos, como estão em desvantagem no equilíbrio demográfico, como já ressaltaram diferentes estudiosos da história colonial brasileira, segundo diferentes estimativas estatísticas. Segundo Rosa Virgínia Mattos e Silva, em *Para uma sócio-história do Português no Brasil* (Mattos e Silva, 2004), a etnia branca nunca ultrapassou os 30% do geral da população ao longo do período colonial⁵".

"Esse breve exame de dados de demografia histórica nos mostra que se a história da língua portuguesa é a história de sua expansão, essa expansão é feita da ampliação e diversificação do seu universo de falantes, na medida em que, ao longo do tempo, o português é adotado por diferentes contingentes populacionais ao redor do globo. Assim, irei propor que o processo fundamental envolvido na reanálise é a

²Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, <<http://www.cplp.org>>

³"Pode-se calcular com razoável precisão que, durante o século XVI, saíam de Portugal para o lém-mar, anualmente, cerca de 2.400 pessoas, a grande maioria homens fisicamente aptos, jovens e solteiros, com destino à “Goa Dourada” e ao Extremo Oriente mais distante, de onde poucos voltavam. A sangria anual da força de trabalho de homens adultos portugueses foi, portanto, considerável ...” (Boxer, 2002: 67).

⁴"Essa grande dispersão [do império marítimo português ao longo do século XVI] agravou o constante problema de homens disponíveis, a tal ponto que os vice-reis mal conseguiam reunir mais de mil homens brancos para qualquer expedição, por mais importante que fosse."

⁵"Considerando os grupos étnicos e lingüísticos, durante o período colonial (1530 a 1822) e até o pós-colonial, predominam etnias não-brancas, numa média aproximada de 70% para as não-brancas e 30% para as brancas. Ressalte-se que até meados do século XIX a etnia branca estava representada, quase exclusivamente, pelos portugueses e lusodescendentes. É interessante ressaltar que os 'índios integrados', portanto contáveis, decresceram tristemente, de 50% no século XVI para 2% na metade do século XIX. (...) Os índios não-integrados esconderam-se, fugidos, nos interiores brasileiros. (...). Contrariamente ao que ocorreu com os indígenas, os africanos e afro-descendentes estão no patamar de 60% da população do Brasil nos séculos XVII a XIX".

reinterpretação das estruturas gramaticais do Português Médio por uma população ampliada e diversificada de falantes, com condições pouco favoráveis à fixação estável da língua-alvo".

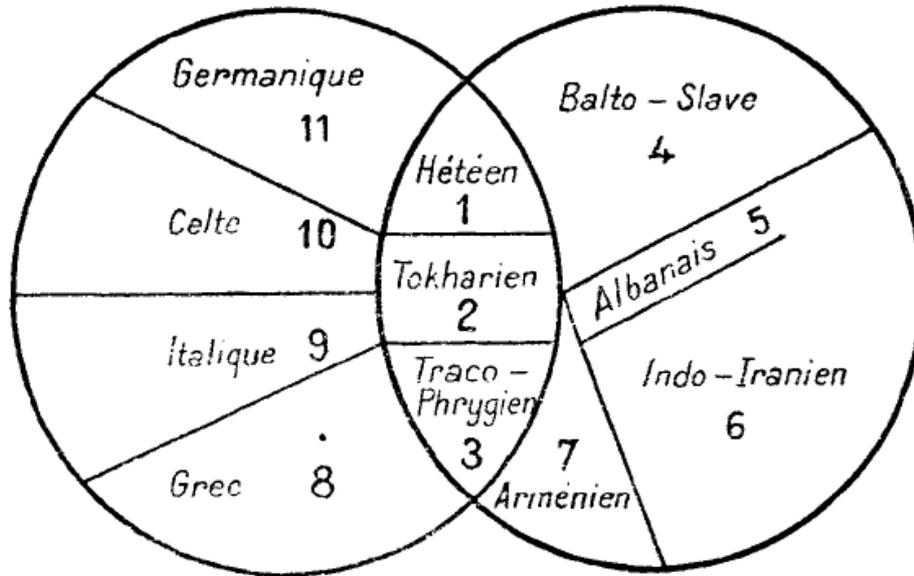
"Entretanto, o tipo de contraste gramatical que se propõe aqui como central para compreender esse processo de mudança foge do que é tradicionalmente visto como produto de contato: aqui, vejo os resultados do contato na sintaxe do Português Brasileiro, não na morfologia da língua. Aqui podemos encontrar justificativas e fundamentos na teoria de contato e mudança em que se inserem os trabalhos. Seguiremos, no projeto, as propostas elaboradas por Lightfoot 1999 e Kroch 2001, de inspiração gerativista, que concebem a mudança sintática como resultado da interferência de fatores perturbadores na fase de aquisição da gramática num processo determinado historicamente de modo a se espalhar por um grande número de falantes de uma determinada geração".

"Nessa abordagem, os fatos da história social são fundantes para a compreensão da mudança – em especial, para a compreensão de seu estabelecimento numa parcela ampla da população. Seguindo essa linha, compreenderemos que estudar a instauração da mudança gramatical que conforma as variantes modernas do português é estudar as condições sociais presentes para a perpetuação da língua em momentos históricos cruciais".

3.4 Voltando ao século XIX: De árvores e de ondas

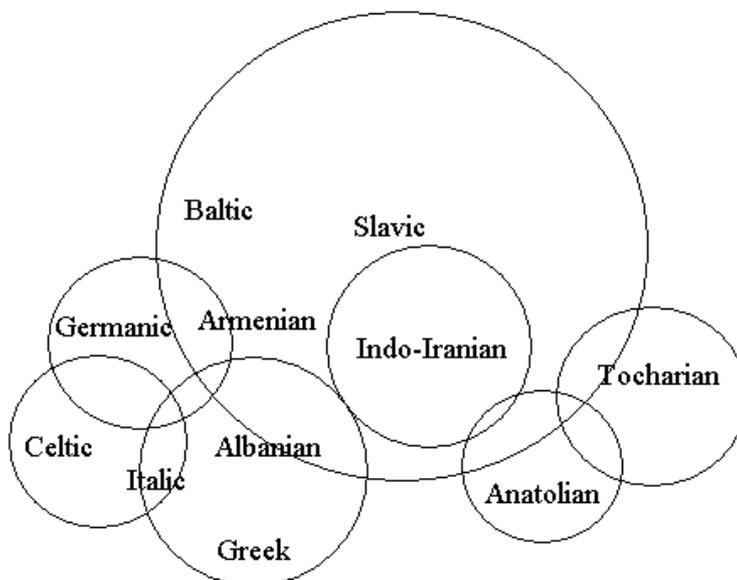
Exemplos de estudos sobre o Indo-europeu que privilegiaram a abordagem "areal" e a questão do contato:

- Schmidt, Johannes. *Die Verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen*. Weimar: Böhlau, 1872. (Internet Archive: <http://archive.org/stream/dieverwantschaf04schmgoog#page/n34/mode/2up>)
- J. Schrijnen. 1927. *L'Alarodien et l'accent d'intensité initial dans les langues indo-européennes*. M. S. L. XIII, bl. 53 vv (Collectanea Schrijnen, p.65).

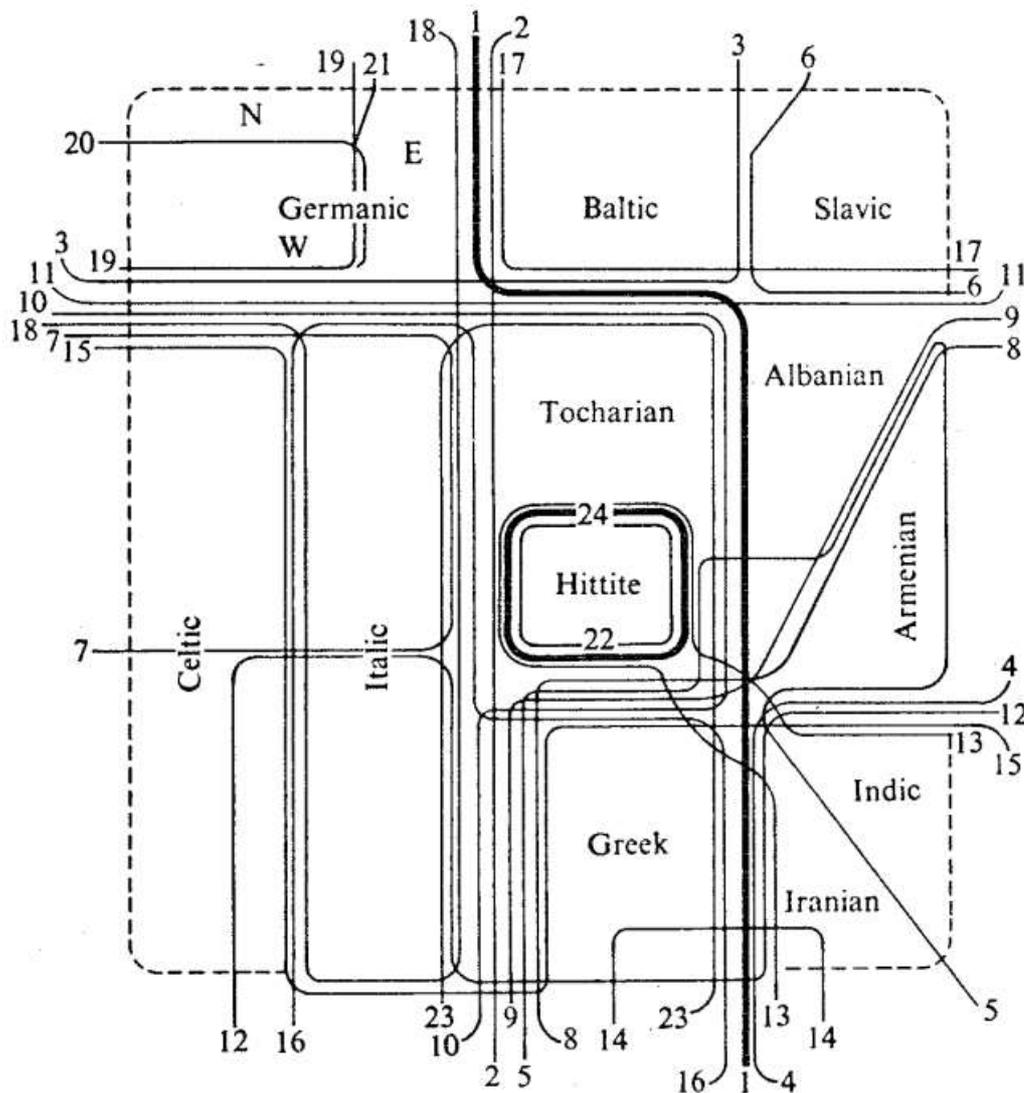


ISOGLOSSES.

- 1 + 2 + 3: indo-européen central (vélaire seule).
- 4 + 5 + 6 + 7: langues satem ($k_2 > k$).
- 8 + 9 + 10 + 11: langues centum ($k_1 > k$).
- 1 + 2 + 3 + 9 + 10: langues à désinence r .
- 9 + 10 + 11: langues à prétérit mixte.
- 6 + 7 + 8: langues à augment.



- Adaptação de http://c-faculty.chuo-u.ac.jp/~rhotta/course/2009a/hellog/lib/Schmidts_wave_theory.png



- Diagrama em Anttila, R. 1989 *Historical and comparative linguistics*, 2nd edn. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins.

H. Schuchardt, Contra os Neogramáticos (1871):

"Antes de prosseguirmos para o próximo aspecto da proposição dos neogramáticos, adicionarei um post-scriptum à seção que terminou. Já tive a oportunidade de dizer que eu pressuponho a mistura linguística mesmo no mais homogêneo dos grupos de falantes. Paul, ao contrário, só a admite no caso da mistura étnica, que ele considera ser algo de extremamente excepcional. Devo rechaçar esta última noção". (...)

"... observemos que o único caso em que Paul admite a mistura linguística – o caso em que “em consequência de causas históricas especiais, grandes grupos de pessoas são arrancadas de seus lares e lançadas ao convívio com estranhos”, **está longe de ser excepcional**.

Do momento original de surgimento da nação romana até a formação das nações de fala românica, o que vemos é uma série quase ininterrupta de misturas das mais variadas formas, um fato central para a consideração não apenas das gramáticas românicas, como também da gramática latina".